Sumário

Introdução

A. A história do projeto

Em 1987, a Coordenadoria de Análise Institucional e Avaliação da Pró-Reitoria de Planejamento da Universidade Federal do Ceará idealizou um projeto de pesquisa ambicioso e, possivelmente, jamais tentado no Brasil, com o objetivo de conhecer e avaliar a racionalidade do ensino superior cearense.

Subdividido em três estudos, o projeto envolvia as universidades existentes em Fortaleza e se propunha a conhecer a realidade desse sistema, a partir de três importantes perspectivas: a dos vestibulandos, a dos matriculados e a dos graduados.

A pesquisa sobre o vestibular, concluída em 1988, abriu as portas para o conhecimento de questões até então ignoradas, como o número real de candidatos que concorrem ao vestibular em Fortaleza, a posição de cada curso na hierarquia produzida a partir do desempenho dos classificados em cada universidade e o acerto com que os vestibulandos, *a priori*, estimam o seu desempenho. No mesmo estudo ainda foi iniciada uma discussão sobre o fenômeno da matrícula múltipla, encontrado em proporções não desprezíveis nas duas universidades públicas.

O segundo trabalho, também já concluído, que investigou as condições de vida e de trabalho dos universitários de Fortaleza, aclarou o conhecimento da realidade desse grau de ensino. Contrariando o senso comum, o estudo revela que, no ensino superior cearense, não existe a polarização universidade pública *versus* universidade privada, segundo a qual na primeira estariam os ricos e na segunda os pobres. Na verdade, a clientela da Universidade Federal do Ceará (UFC) (pública federal) é tão elitizada quanto a da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) (particular), distanciando-se da clientela da Universidade Estadual do Ceará (UECE) (pública estadual), que aparece como a instituição menos elitizada. Também ficou clara a irrelevância de se comparar as universidades globalmente, sem levar em conta as dimensões “curso” e “turno”, principais responsáveis pelas diferenças observadas. Igualmente importante foi a descoberta da “organização do tempo” dos universitários e das prioridades por eles estabelecidas para distribuir as horas semanais entre aulas, estudos, trabalho e lazer.

A terceira investigação, apresentada neste Relatório, concluído em 1991, acrescenta valiosas informações sobre as situações profissionais vividas pelos graduados das três universidades.

A equipe responsável pelo projeto Avaliação da Racionalidade do Ensino Superior Cearense agradece a inestimável colaboração da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade de Fortaleza, bem como o apoio financeiro da Secretaria Nacional de Ensino Superior (SENESU)/Ministério da Educação (MEC) e da Universidade Federal do Ceará, sem os quais não teria sido possível a sua realização.

B. As opções metodológicas

A pesquisa com os egressos do ensino superior entrevistou, em 1987, via postal, graduados dos anos de 1984 a 1986, concludentes dos 74 cursos superiores existentes em Fortaleza nesse período. Para um total de 6.496 questionários enviados, a taxa líquida de respostas, com dois envios, foi da ordem de 40,0%.

A amostra, constituída a partir de um universo de 12.944 graduados (4.786 da UFC, 3.643 da UECE e 4.515 da UNIFOR), considerou, nos cursos onde havia até 150 graduados, a população total e, nos cursos onde o número de egressos era superior a 150, a mesma representação, sorteada aleatoriamente.

Depois de selecionada a amostra, foi iniciado o levantamento de endereços, tarefa extremamente dificultada pela inexistência, nas universidades, de um cadastro de endereços dos graduados devidamente atualizado. Na grande maioria dos casos, as universidades só dispõem do endereço (nem sempre completo) fornecido pelo egresso (ou seu representante) no momento de receber o diploma. Para completar essas informações, foram consultadas exaustivamente as listas telefônicas e, em alguns casos, ouvidos os Conselhos Regionais desses profissionais.

O questionário, acompanhado de uma carta endereçada ao ex-aluno, continha três blocos de dados - pessoais, de escolaridade e profissionais - e quatro tabelas de apoio para as informações que deveriam ser codificadas (ocupação resumida, nível de escolaridade, tipo de empresa e setor de atividade).

Encerrada a coleta, foi selecionada uma amostra de não-respondentes e, com eles, realizada uma entrevista por telefone, para garantir a confiabilidade das inferências e generalizações.

O presente relatório, subdividido em seis capítulos, descreve no capítulo inicial o mercado de trabalho no Ceará, comparando-o com o do Brasil. No segundo, apresenta os grupos de cursos pesquisados em cada universidade e a sua representação relativa por instituição. O terceiro capítulo detalha informações sobre as características individuais, sociais e acadêmicas dos egressos e o quarto analisa questões relativas ao acesso ao mercado de trabalho. O penúltimo aprofunda a discussão, analisando os empregos, os setores de atividade e os salários e apresenta a percepção dos graduados quanto à ocorrência de mudanças atribuíveis à graduação. No capítulo final, são testados dois modelos de regressão múltipla para análise das variáveis discutidas nos capítulos precedentes.

I. Mercado de trabalho no Ceará

Com o objetivo de contextualizar os achados da pesquisa com os graduados de nível superior das três universidades de Fortaleza, apresenta-se, neste primeiro capítulo, uma descrição do mercado de trabalho cearense, analisando-se a representação relativa dos setores de atividade, o nível de instrução da população e a distribuição da renda no Estado.

1. Representação relativa dos setores de atividade

Para uma análise da representação relativa dos setores de atividade no Ceará, pode-se comparar a distribuição da mão-de-obra segundo os setores nesse Estado e no Brasil. Considerando, entretanto, que nosso interesse incide principalmente sobre o mercado de trabalho para os universitários, pensamos ser mais relevante restringir essa análise aos empregos formais. Deparamo-nos, nesse caso, com outros elementos.

Globalmente, as maiores diferenças dizem respeito ao peso da agricultura e da indústria. Enquanto 14,2% da mão-de-obra brasileira trabalha na agricultura, essa proporção atinge 31,9% no Ceará. Inversamente, a indústria de transformação, que ocupa 20,5% da mão-de-obra brasileira, corresponde a apenas 13,0% no caso do Ceará.

Embora esses dados revelem algum interesse para se ter uma idéia da economia cearense, eles são menos úteis quando se trata de analisar o mercado de trabalho para os universitários. Nesse caso, é mais relevante focalizar a comparação no mercado de trabalho formal, que apresenta uma estrutura bem diferente, tanto para o Brasil como um todo quanto para o Ceará.

Tabela 1 - Distribuição da mão-de-obra por setor no Brasil e no Ceará (Total e emprego formal)

Setores de atividade	Brasil		Ceará	
	Total	**Formal**	**Total**	**Formal**
Agrícola	14,2	4,2	31,9	4,1
Indústria de transformação	20,5	24,2	13,0	19,0
Indústria de construção	6,6	6,4	7,3	7,2
Outras atividades industriais	2,3	2,5	1,6	2,2
Comércio de mercadoria	10,2	13,8	6,8	13,6
Prestação de serviços	16,0	12,0	13,4	7,8
Serv. aux. da atividade econômica	2,9	4,4	1,8	3,2
Transporte e comunicação	4,2	5,8	2,5	4,7
Social	12,2	14,4	13,4	23,6
Administração pública	7,3	7,9	6,2	11,1
Outras atividades	3,6	4,4	2,1	3,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte - *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* (PNAD), 1988, Tabela 3.18

Definindo como pertencentes ao mercado formal os indivíduos que contribuem para

um instituto de previdência, a sua representação para o Brasil todo é levemente majoritária (50,7% das pessoas ocupadas) e, para o Ceará, apenas uma minoria (26,1% das pessoas ocupadas). Apesar das tabelas da PNAD não apresentarem a distribuição da contribuição por anos de estudos, pode-se supor que os universitários situam-se em sua quase totalidade na parte formal do mercado.

Se restringirmos a análise aos empregos formais, as distribuições segundo as atividades se modificam sensivelmente. O peso da agricultura diminui fortemente tanto no Brasil como um todo quanto no Ceará, desaparecendo a diferença entre os dois conjuntos. Redução semelhante se verifica para as atividades de prestação de serviços. No universo do emprego formal, a economia cearense continua se caracterizando por um peso menor das atividades industriais (28,0% contra 33,0%) e das atividades de prestação de serviços (8,0% contra 12,0%). Por outro lado, as atividades sociais (ensino, atividades comunitárias, serviços odontológicos e médicos) ocupam proporcionalmente mais indivíduos (24,0% contra 14,0%), o mesmo valendo para a administração pública (11,0% contra 8,0%).

2. Nível de instrução da população cearense

Nitidamente menos instruída, a população do Ceará apresenta uma proporção de indivíduos sem instrução ou com menos de um ano de estudos, que representa o dobro da proporção para o Brasil inteiro. Além disso, a seletividade escolar cresce regularmente com o nível de instrução; enquanto a proporção da população cearense com 1 a 4 anos de estudos representa 0,89 da proporção correspondente para o Brasil inteiro, essa relação cai para 0,44 no que diz respeito aos indivíduos de nível superior (12 anos ou mais). Isso significa que a população de nível superior no Ceará representa menos da metade do que representa essa população no Brasil inteiro (2,4% contra 5,5%). Esse achado não permite uma conclusão imediata sobre a escassez de mão-de-obra de nível superior, uma vez que essa distribuição deveria ser relacionada com a estrutura das ocupações. Infelizmente, a PNAD não fornece essa estrutura. Mas há de se suspeitar uma renda de raridade para essa população no Ceará, suspeita só possível de ser aprofundada através de uma análise da estrutura da renda.

Tabela 2 - Nível de instrução da população brasileira e da população cearense

Anos de estudo	Brasil (1)	Ceará (2)	(2)/(1)
Sem instrução ou menos de 1 ano	19,1	38,8	2,03
1 a 4 anos	41,3	36,9	0,89
5 a 8 anos	22,5	15,0	0,66
9 a 11 anos	11,6	6,9	0,59
12 anos ou mais	5,5	2,4	0,44
Total	100,0	100,0	

Fonte - *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*, 1988, Tabela 2.2

3. Distribuição da renda no Ceará comparada com a do Brasil

Para se estudar essa questão, vamos em primeiro lugar comparar a distribuição da renda no país com a mesma no Estado do Ceará e, em segundo lugar, destacar a influência da instrução nessa distribuição.

A renda da população cearense mostra-se inferior à renda da população brasileira. Enquanto 57,6% dos cearenses recebem no máximo um salário mínimo, 29,6% da população brasileira se encontram na mesma situação; 93,0% dos cearenses recebem, no máximo, cinco salários mínimos contra 82,6% na população brasileira em geral. Além desse quadro de maior pobreza, a análise da estrutura da desigualdade mostra que a distribuição da renda é ainda mais desigual no Ceará.

Tabela 3 - Distribuição da renda no Brasil (população economicamente ativa recebendo uma renda)

Faixa de renda	Brasil			
	Proporção da pop. na faixa de renda	**Freqüência acumulada**	**Prop. da renda total atribuível à faixa de renda**	**Freqüência acumulada**
<= 1 s.m.	29,6	29,6	4,5	4,5
1 a 2 s.m.	26,8	56,4	10,1	14,6
2 a 5 s.m.	26,2	82,6	21,8	36,4
5 a 10 s.m.	9,7	92,3	18,0	54,4
10 a 20 s.m.	5,0	97,3	18,1	72,5
> 20 s.m.	2,7		27,5	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 4 - Distribuição da renda no Ceará (população economicamente ativa recebendo uma renda)

Faixa de renda	Brasil			
	Proporção da pop. na faixa de renda	**Freqüência acumulada**	**Prop. da renda total atribuível à faixa de renda**	**Freqüência acumulada**
<= 1 s.m.	57,6	57,6	13,9	13,9
1 a 2 s.m.	23,3	80,9	17,0	30,9
2 a 5 s.m.	12,1	93,0	18,9	49,8
5 a 10 s.m.	3,9	96,9	13,7	63,5
10 a 20 s.m.	2,0	98,9	14,8	78,3
> 20 s.m.	1,2		21,7	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte - *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*, 1988, Tabela 3.5

Os dados da PNDA permitem conhecer o valor médio da renda referente a cada faixa de renda e o número de indivíduos correspondentes. Pode-se assim calcular as freqüências acumuladas das proporções de população e de renda relativas a cada faixa de renda e representar as curvas de concentração de renda. Para esse cálculo, encontraremos, os 50,0% mais pobres da população brasileira recebendo 12,0% da renda total, enquanto, no Ceará, essa faixa de renda é ainda menor - 10,5%. No outro extremo, enquanto os 10,0% mais ricos recebem 51,0% da renda total no Brasil, no Ceará, eles recebem 56,5% da renda total.

Para se estudar a renda relativa da mão-de-obra de nível superior, podemos utilizar as tabelas da PNAD que apresentam a distribuição da renda por faixa, segundo o número de anos de estudos. Um indicador da renda relativa dos indivíduos de nível superior pode ser obtido relacionando-se a proporção de indivíduos que recebem mais de cinco salários mínimos com a proporção dessa mesma faixa de renda na população total de referência. O resultado é óbvio: a proporção de indivíduos de nível superior que recebem mais de cinco salários mínimos é quatro vezes maior do que o peso dessa faixa de renda no total da população brasileira. Essa relação passa a oito, entretanto, quando se trata unicamente da população cearense. Segundo o indicador utilizado, a renda da população de nível superior no Ceará seria, em termos relativos, duas vezes maior do que a renda da população correspondente no Brasil como um todo. Existe, de maneira explícita, uma renda de raridade para os indivíduos de nível superior no Ceará. Como explicar essa situação?

Tabela 5 - Proporção de indivíduos com cinco salários mínimos e mais na categoria considerada

Brasil	Total (1)	17,4%
	12 anos de estudos e mais (2)	69,2%
	(2) / (1)	4,0
Ceará	Total (1)	7,1%
	12 anos de estudos e mais (2)	57,7%
	(2) / (1)	8,1%

Fonte - *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*, 1988, Tabela 3.8

Cabem aqui duas interpretações que se combinam: uma econômica e outra sociológica. A interpretação econômica se baseia na existência de uma escassez de mão-de-obra de nível superior que eleva os salários dessa categoria. A interpretação sociológica se funda no fato de que a seleção escolar ao longo do 1° e do 2° graus é fortemente relacionada com a origem social dos alunos. Sob esse aspecto, as camadas mais ricas se apoderariam da educação superior e esse sistema bloquearia a mobilidade social através da escola. Esse fenômeno seria menos acentuado para o Brasil como um todo. A hipótese da reprodução social por meio da educação superior será analisada com um enfoque maior na próxima parte.

Nesse momento o destaque mais conclusivo é o de que o mercado de trabalho cearense, comparado com o mercado de trabalho brasileiro como um todo, caracteriza-se, para a população que nos interessa, em primeiro lugar, por uma participação menor das

atividades industriais, compensada por uma presença mais acentuada das atividades sociais e administrativas, e em segundo lugar, por uma representação menor de mão-de-obra de nível superior associada a uma renda relativa maior dessa categoria.

Segundo as informações globais fornecidas pela PNAD, o mercado de trabalho cearense apresenta-se favorável para a mão-de-obra de nível superior. Essa visão global merece ser analisada de maneira mais profunda e pormenorizada, o que será possível por meio dos resultados da pesquisa com os egressos do ensino superior.

II. Apresentação dos fluxos

Com o objetivo de não tornar a análise muito repetitiva, agrupamos os egressos dos 74 cursos pesquisados (41 da UFC, 18 da UECE e 15 da UNIFOR) em conjuntos de cursos próximos pela área e/ou pelas características sócio-econômicas dos seus egressos. Globalmente, ficamos com 11 grupos. Desses onze, três são comuns às três universidades (o grupo dos cursos administrativos, o dos paramédicos e o das licenciaturas). Um é comum à UFC e UECE (Medicina/Odontologia/Veterinária) e dois são comuns à UFC e UNIFOR (o conjunto das engenharias e o de Química Industrial/Estatística/Geologia). Quatro grupos estão representados só na UFC (Agronomia, Economia Doméstica/Biblioteconomia, Psicologia/Comunicação Social e Processamento de Dados) e um grupo só aparece na UECE (Nutrição/Serviço Social).

Por universidade, a distribuição dos egressos nesses grupos de cursos aparece representada na Tabela 6.

No grupo dos cursos administrativos, estão juntos Administração de Empresas, Administração Hospitalar (só na UECE), Ciências Contábeis, Economia e Direito. As licenciaturas reúnem Pedagogia, Letras, História, Geografia, Filosofia, Matemática, Química, Física, Estudos Sociais e Ciências Sociais.

No conjunto dos paramédicos, ficaram agrupados, na UFC, Farmácia e Enfermagem, na UECE, só Enfermagem e, na UNIFOR, Enfermagem, Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. O grupo Medicina/Odontologia/Veterinária ficou representado, na UFC, pelos dois primeiros e, na UECE, só pelo último. O conjunto das engenharias agrupa Civil, Elétrica e Mecânica (para a UFC e UNIFOR) e mais Engenharia de Alimentos, de Pesca, Química e Arquitetura (só para a UFC). Finalmente, o grupo de Química Industrial/Estatística/Geologia apresenta como curso comum à UFC e à UNIFOR apenas o de Geologia; os outros dois só aparecem na UFC.

Tabela 6 - Representação relativa dos grupos de curso, por Universidade

	UFC	UECE	UNIFOR
Administrativos	24,01	16,46	54,03
Licenciaturas	21,86	62,73	7,79
Paramédicos	6,46	5,35	19,03
Medicina/Odontologia/Veterinária	13,37	4,19	---
Engenharias	12,78	---	17,08
Química Industrial/Estatística/Geologia	3,21	---	2,07
Psicologia/Comunicação Social	5,88	---	---
Economia Doméstica/Biblioteconomia	3,87	---	---
Agronomia	7,10	---	---
Processamento de Dados	2,45	---	---
Nutrição/Serviço Social	---	11,27	---
Total	100,00	100,00	100,00

Como se pode observar, cada universidade tem uma característica bem específica.

A UECE está representada, em 63,0% dos casos, pelos egressos das Licenciaturas. Dos 37,0% restantes, 17,0% são cursos tão feminilizados quanto as Licenciaturas (Enfermagem, Nutrição e Serviço Social) e 20,0% de bacharelados mais masculinos (Administração, Contábeis e Veterinária).

Na UNIFOR, o peso é do grupo das administrativas (54,0%), seguido por boa representação dos paramédicos (19,0%) e das engenharias (17,0%).

Já a distribuição da UFC se caracteriza pela diversidade. Representada em quatro grupos de cursos que não aparecem nas outras duas, a UFC oferece um conjunto de graduados, com boas representações no grupo das administrativas e das licenciaturas e ainda no grupo nobre da área de saúde e nas engenharias. Os grupos de menor peso dividem-se entre cursos bastante feminilizados (Economia Doméstica/Biblioteconomia e Paramédicos) e cursos bem masculinos (Agronomia e Processamento) e ainda entre cursos prestigiados[1] (Psicologia/Comunicação Social) e cursos desprestigiados (Química Industrial /Estatística /Geologia).

O interesse em analisar o peso desses grupos de curso em cada universidade reside no fato de que muitas das variáveis estudadas vão sofrer influências importantes, diretamente ligadas às características sócio-econômicas e individuais dos egressos.

Assim, pode-se esperar, de uma maneira geral, salários mais baixos na UECE e mais altos na UFC e UNIFOR, dado o peso das Licenciaturas e dos cursos feminilizados da primeira universidade. Também se pode esperar maiores concentrações dos egressos em determinados setores da economia na UECE e UNIFOR e menos na UFC, dada à relativa “especialização” das duas primeiras em relação à diversidade da última.

III. Caracterização sócio-econômica dos egressos

[1] Ver Paul e Ribeiro Freire (1990).

Os dois primeiros blocos de dados privilegiados no questionário solicitavam informações sobre o sexo, a idade e o Estado onde residia o graduado, a caracterização do nível de escolaridade e da ocupação dos pais e ainda uma descrição pormenorizada da formação acadêmica anterior, simultânea ou posterior à graduação considerada.

1. Características individuais

Globalmente considerados, os egressos das três universidades se distribuem de forma relativamente equilibrada entre o sexo feminino (54,0%) e o masculino (46,0%). A UECE, dado o peso das licenciaturas, surge como a instituição mais feminilizada (63,0% de mulheres), seguida pela UFC (54,0%), ficando a UNIFOR com o menor percentual (46,0%).

Se analisarmos os grupos de cursos, independentemente das instituições, os mais femininos são, além das licenciaturas, os paramédicos e os mais masculinos, as engenharias e as administrativas.

Na UFC, destacam-se ainda pela alta representação feminina, além das licenciaturas, os cursos de Psicologia/Comunicação Social e Economia Doméstica/Biblioteconomia, com 70,0% e 98,0% de mulheres, respectivamente.

Na UECE sobressaem os bacharelados de Nutrição/ Serviço Social, com 92,0% de participação feminina e, na UNIFOR, não há destaque para outros cursos, além dos já mencionados globalmente (licenciaturas e paramédicos).

Os cursos mais masculinos encontram-se melhor representados, na UFC, pela Agronomia (69,0%), na UECE, pela Veterinária (56,0%) e na UNIFOR, pela Geologia (90,0%).

Globalmente, o caráter masculino das engenharias e administrativas apresenta-se homogeneamente distribuído entre as instituições.

No que se refere à idade, a universidade que forma graduados mais jovens é a UFC, com 54,0% dos seus egressos na faixa etária de menos de 30 anos. Em segunda posição fica a UNIFOR, com 48,0% dos seus egressos nessa mesma faixa etária e, por último, a UECE, com 42,0%. Essa característica de menor juventude dos egressos da UECE é ainda acentuada pelo não desprezível percentual de egressos com mais de 40 anos (17,0%), contra os 12,0% da UNIFOR e apenas 7,0% da UFC.

Na UFC, os cursos mais jovens são os prestigiados da área de saúde - Medicina e Odontologia - com 59,0% e 81,0%, respectivamente, de jovens, as engenharias, com uma representação de 65,0% e o curso de Processamento de Dados, onde os egressos, em 92,0% dos casos, não atingiram os 30 anos. Os mais velhos da UFC são os de Agronomia, das

licenciaturas e os do grupo formado pela Química Industrial, Estatística e Geologia. Nessa universidade, os paramédicos dividem-se entre os mais e menos jovens.

Na UECE, cujos egressos em média são mais velhos, destacam-se as licenciaturas, os paramédicos e, em menor proporção, o curso de Administração. Na estadual, o peso dos mais jovens se concentra nos cursos de Veterinária, Nutrição e Serviço Social, que constituem parte da oferta mais prestigiada da instituição.

Na UNIFOR, sobressai a juventude dos egressos das engenharias e dos paramédicos, concentrando-se os mais velhos nas licenciaturas e no curso de Geologia.

Se observarmos os conjuntos de cursos, encontraremos, no grupo das administrativas, uma população nitidamente mais velha na UNIFOR (63,0% contra 58,0% na UECE e 45,0% na UFC). No conjunto das engenharias, entretanto, as distribuições da UFC e da UNIFOR são bastante semelhantes. No caso das licenciaturas, os egressos da UECE são um pouco mais velhos, se comparados aos da UFC e UNIFOR. Finalmente, no grupo dos paramédicos, sobressaem pela juventude os graduados na UNIFOR (74,0%) contra os da UECE (37,0%), ficando os da UFC numa posição intermediária (50,0%).

2. Origem social

A análise dos dados globais revela uma posição mais elitizada da UNIFOR e da UFC, no que se refere ao nível de escolaridade dos pais. Se agruparmos as categorias "secundário completo" e "superior", a UNIFOR aparece com 48,0% de egressos cujos pais atingiram esse nível de escolaridade, seguida de perto pela UFC, com 45,0% e, mais de longe, pela UECE, com apenas 30,0%.

Se, por outro lado, considerarmos a proporção de pais com "primário incompleto" é na UECE que encontraremos a representação mais importante (41,0% contra 27,0% na UFC e 26,0% na UNIFOR). O menor percentual de pais com escolaridade alta junto ao maior de pais com baixa escolaridade na universidade estadual representam, sem dúvida, indício de um menor grau de seletividade da instituição.

Individualizados os grupos de cursos por universidade, aparecem, na UFC, como cursos mais elitizados os de Processamento, Medicina/Odontologia e o grupo das engenharias. Nos três grupos, a representação de pais com nível superior de escolaridade é de 46,0%, 36,0% e 32,0%, respectivamente. A representação maior do nível "secundário completo" aparece nos cursos de Psicologia/Comunicação Social (32,0%) e Economia Doméstica/Biblioteconomia (39,0%). A distribuição restante da UFC agrupa os pais com "primário completo" nos cursos de Agronomia (37,0%), paramédicos (39,0%) e Química Industrial/Estatística/Geologia (38,0%) e, finalmente, os pais com "primário incompleto" nas licenciaturas (39,0%).

Na UECE, os pais com melhor escolaridade (superior mais secundário) encontram-se representados nos cursos de Administração (45,0%) e Veterinária (44,0%) e, em menor proporção, no grupo Nutrição/Serviço Social (38,0%). O grupo dos paramédicos da UECE (Enfermagem) tem importante representação de pais com "primário incompleto" (39,0%),

mas é nas licenciaturas que essa representação se configura de forma ainda mais expressiva, com 46,0% dos pais nesse nível mais baixo de escolaridade.

A distribuição do nível de escolaridade dos pais, na UNIFOR, parece ser bem mais homogênea do que nas outras duas universidades. Destaca-se na particular o grupo das engenharias, com quase 50,0% de pais com escolaridade "superior" e, no nível "secundário completo", sobressaem os paramédicos (29,0%). As licenciaturas da UNIFOR, diferentemente das da UFC e UECE, têm uma representação concentrada no nível "primário completo" (35,0%), ficando as maiores proporções de pais com "primário incompleto" no curso de Geologia (36,0%) e nos administrativos (31,0%).

Com relação à escolaridade das mães, a situação se repete: maior eletização na UNIFOR e UFC e menor, na UECE. Enquanto nas duas primeiras os percentuais de escolaridade mais alta são de 48,0% e 45,0%, na UECE, essa proporção é de apenas 30,0%. No extremo oposto - escolaridade mais baixa - a representação de mães na UECE é de 38,0%, contra 24,0% na UFC e 19,0% na UNIFOR.

Ao nível de cada instituição, a variável mantém as mesmas tendências observadas na escolaridade paterna.

Na UFC, a maior representação de mães com nível superior de escolaridade encontra-se no curso de Processamento de Dados (27,0%) e no grupo Medicina/Odontologia (23,0%). O "secundário completo" está melhor representado nas engenharias (51,0%), o "primário completo" na Agronomia (42,0%) e, finalmente, o "incompleto", nas licenciaturas (38,0%). Se agruparmos para esse último grupo as categorias "completo" e "incompleto", o percentual de mães com escolaridade igual ou inferior ao primário atinge 74,0%. Em situação bastante semelhante, aparecem os grupos de Economia Doméstica/Biblioteconomia (71,0%) e os paramédicos (69,0%). Indiscutivelmente, por trás dessa baixa escolaridade das mães deve estar ocorrendo um fenômeno de mobilidade social ascendente para as mulheres, dada à concentração maciça de mulheres nesses grupos de cursos.

O mesmo fenômeno se repete na UECE, com as licenciaturas e a Enfermagem. Nas primeiras, o percentual de mães com escolaridade primária ou inferior é de 79,0% e, no segundo, de 74,0%. No nível "secundário completo" é o curso de Veterinária que aparece mais fortemente representado (42,0%) e, no nível "superior", a maior representação fica com o curso de Administração (15,0%), exatamente o dobro da média da universidade nesse nível.

A situação da UNIFOR, embora não tão nítida como as das outras duas, confirma a tendência. A maior representação de mães com escolaridade superior aparece nas engenharias (24,0%), que também aparecem superiormente representadas no nível "secundário completo" (38,0%). Com escolaridade primária completa predominam as mães das licenciaturas (43,0%) e na categoria "primário incompleto" a representação mais forte é a do curso de Geologia (31,0%), que equivale a quase o dobro da média observada nessa instituição.

A descrição da origem sócio-econômica dos egressos, inferida inicialmente a partir

do nível de escolaridade dos pais, ganha contornos ainda mais nítidos com a análise das categorias ocupacionais em que eles se encontram.

Em termos globais, mais uma vez, o perfil sócio-econômico da UNIFOR aparece numa situação de privilégio. Nessa universidade, o percentual de pais que ocupam as mais elevadas posições na hierarquia ocupacional (grandes e médios industriais/empresários /proprietários) atinge 22,0%, contra 15,0% na UFC e 13,0% na UECE.

Em nível não tão alto, mas igualmente privilegiado dessa hierarquia (profissionais liberais e altos funcionários) se aproximam os pais da UNIFOR dos da UFC, com 22,0% e 20,0% de representação, contra apenas 10,0% na UECE. A categoria "médios funcionários", que engloba os professores de 2° grau, aparece homogeneamente distribuída nas três universidades, deixando a UFC com uma representação um pouco maior (22,0%) do que a da UECE (19,0%) e mais ainda do que a da UNIFOR (17,0%). Na categoria "bancários/pequenos funcionários/professores de 1° grau", a maior representação fica com a UECE (16,0%), seguida de perto pela UFC (13,0%) e, menos, pela UNIFOR (10,0%).

Essa posição da UECE puxada para baixo na hierarquia ocupacional dos pais, fica mais acentuada se considerarmos a categoria "operários". Enquanto na UFC e na UNIFOR os pais operários só aparecem em 8,0% das ocorrências, essa proporção na UECE dobra para 16,0%.

Ao nível dos cursos, encontraremos, na UFC, uma distribuição relativamente homogênea de pais (grandes/médios industriais/empresários/ proprietários), mas uma maior concentração de profissionais liberais nas engenharias (29,0%), Medicina/Odontologia (31,0%) e Processamento (36,0%). A distribuição dos "pequenos proprietários" também aparece mais ou menos homogênea, com uma representação um pouco maior em Psicologia/Comunicação Social e Química Industrial/Estatística/Geologia (31,0%) e menor em Agronomia (10,0%). Os "bancários" e "operários" também se distribuem de forma equilibrada, com um pequeno destaque para as licenciaturas, no caso dos operários (14,0%), se confrontadas com os cursos de Medicina/Odontologia, Psicologia/Comunicação Social, Processamento e engenharias, cuja representação de pais operários é insignificante (1,0%, 3,0%, 4,0%, respectivamente).

Na UECE, os "grandes e médios industriais/empresários/proprietários" concentram-se nos cursos de Medicina Veterinária (21,0%) e de Enfermagem (19,0%). O "profissionais liberais" vão estar melhor representados no curso de Administração (16,0%) e outra vez no de Veterinária (22,0%). As categorias restantes se distribuem equilibradamente entre os demais cursos.

Na UNIFOR, destaca-se uma representação importante de "profissionais liberais" nas engenharias (32,0%) e, nas licenciaturas, uma importante proporção de pais "médios industriais" (25,0%) e "pequenos proprietários" (28,0%). Os paramédicos da UNIFOR ficam mais concentrados nos "médios industriais" (21,0%), "profissionais liberais" (27,0%) e "médios funcionários" (19,0%).

No que se refere à ocupação das mães, o destaque definitivamente importante é para o alto percentual de mães agrupadas na categoria "prendas domésticas". Globalmente, elas representam 63,0% da população, sendo que na UFC esse percentual é de 64,0%, na

UECE, de 65,0% e, na UNIFOR, 60,0%. Para as mães que trabalham, a distribuição também favorece à UNIFOR, que fica com 5,0% delas na categoria "grandes/médios industriais /empresários/proprietários", contra 3,0% na UFC e 2,0% na UECE. Em oposição, ficam as mães "operárias" que, na UECE representam 10,0%, na UFC 4,0% e, na UNIFOR, apenas 2,0%.

Na UFC, a ocupação mais freqüente é a categoria "bancário", com 11,0%; na UECE, as categorias "bancário" e "operário" se dividem, ambas com 10,0% e, na UNIFOR, domina a categoria "médio funcionário", com 15,0% de mães nessa condição.

Na UFC, destacam-se mais uma vez os cursos feminilizados, com uma proporção importante de mães operárias (Economia Doméstica/Biblioteconomia, Psicologia/Comunicação Social) e ainda as licenciaturas, todos com percentuais mais altos do que a média da universidade. Na categoria "bancário", grupo de maior representatividade da federal, aparecem com percentuais acima da média os cursos administrativos (15,0%), os paramédicos (17,0%) e o grupo Psicologia/Comunicação Social (15,0%).

Na UECE, as duas categorias mais representadas - bancário e operário - aparecem com percentuais acima da média em Veterinária, Nutrição/Serviço Social, no caso dos "bancários", e administrativas, licenciaturas e paramédicos, no caso dos "operários".

Na UNIFOR, os "médios funcionários" estão melhor representados nas engenharias e licenciaturas.

3. Formação acadêmica

Globalmente, a graduação objeto de estudo desta pesquisa, constitui o único diploma superior para 63,0% dos egressos.

A proporção não desprezível (37,0%) dos que realizaram/estavam realizando outros estudos aparece expressivamente representada na UECE, com 50,0% dos seus graduados informando essa condição. Na UFC, a média é de 36,0% e na UNIFOR, de 28,0%.

Por grupos de curso, sobressaem os paramédicos (82,0% na UECE, 45,0% na UFC e 35,0% na UNIFOR) e ainda as licenciaturas (52,0% na UECE, 41,0% na UFC e 39,0% na UNIFOR). Na UFC ainda aparecem fortemente representados o grupo de Medicina /Odontologia (48,0%) e o curso de Processamento de Dados (55,0%). Na verdade, esse curso da UFC formava, inicialmente, o tecnólogo em processamento de dados. Como posteriormente foi transformado em bacharelado em Computação é provável que boa parte dos tecnólogos das primeiras turmas tenha retornado/esteja retornando ao curso em busca do diploma de bacharel.

Quanto aos cursos já concluídos, os graduados das três universidades, à época da pesquisa, se dividiam entre os que tinham dois diplomas (20,4%) e os que já tinham três (4,1%).

Com relação ao nível do outro diploma, em 54,0% dos casos, esse nível é de

graduação, sobressaindo-se mais uma vez a UECE, cuja representação é de 72,0%, contra 53,0% na UNIFOR e 35,0% na UFC.

Na UFC, o nível mais freqüente é o da pós-graduação, representado em 57,0% dos casos por um diploma de especialização e em 9,0% por um título de mestre. Sobressaem, nesse nível o grupo da saúde (médicos/odontólogos e paramédicos) e o curso de Processamento de Dados.

Na UECE, cuja média de outro diploma de graduação é de 72,0%, também destacam-se os cursos da área de saúde, que tomam a direção da especialização (69,0% dos egressos de Veterinária e 57,0% dos de Enfermagem, contra a média da universidade que é de 26,0%).

Na UNIFOR, além da graduação, também aparece um movimento importante em direção à especialização (46,0%), mas no caso dessa universidade aparecem junto aos paramédicos (94,0%), as licenciaturas (75,0%) e as engenharias (74,0%).

Os cursos em andamento, no momento da pesquisa, representavam, globalmente, 17,0% dos casos (19,0% na UFC, 21,0% na UECE e 12,0% na UNIFOR). Na estadual e na particular, o nível do curso em andamento ainda é, predominantemente, a graduação, especialmente para a UECE (73,0%), mas também para a UNIFOR (65,0%). Na UFC, essa representação cai para 35,0%.

A oferta mais prestigiada da universidade federal, bem como a maior solidez das atividades de pesquisa e pós-graduação, parecem exercer uma influência mais acentuada junto aos estudantes, no que se refere ao aprofundamento dos estudos graduados. Os cursos de especialização (37,0%), de mestrado (26,0%) e de doutorado (2,0%) respondem por 65,0% dos cursos em andamento nessa universidade.

Os casos de outra graduação em andamento são, na UECE, melhor representados pelas licenciaturas (77,0%) e Nutrição/Serviço Social (76,0%), mas também pelas administrativas (73,0%).

Na UNIFOR, a representação de outra graduação em andamento também é importante nos paramédicos (79,0%), nas licenciaturas (67,0%) e nas administrativas (62,0%).

A aproximação entre a universidade estadual e a particular no que se refere às maiores representações de cursos em andamento no nível de graduação vai-se desfazer, no entanto, quando a análise recai no nível da pós-graduação.

Não deixa de ser curioso encontrar reaproximados, nesse nível de estudos, os egressos da federal e da particular. Na UFC, dos 65,0% de estudos pós-graduados, 37,0% são de especialização, 26,0% de mestrado e 2,0% de doutorado. Na UNIFOR, as proporções são, respectivamente, 25,0%, 10,0% e 0,6% e na UECE, que não tem representação no nível de doutorado, as proporções são de 24,0% para especialização e apenas 3,0% para mestrado. Como na UECE e na UNIFOR não há oferta de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, há que se suspeitar da interferência de uma variável de ordem econômica nessa “disponibilidade” três vezes dos egressos da UNIFOR, frente aos da

UECE.

Ainda muito interessante é o movimento de intercâmbio entre os egressos das três universidades que têm um outro curso, além da graduação considerada. Embora a instituição escolhida para esse outro curso seja, prioritariamente, a própria universidade onde o egresso foi localizado (52,0% na UFC, 59,0% na UECE e 48,0% na UNIFOR), não se pode desconsiderar as representações de egressos da UFC com outro curso na UECE (15,0%) ou na UNIFOR (8,0%), os da UECE com outro curso na UFC (20,0%) e na UNIFOR (9,0%) e os da UNIFOR com outro curso na UFC (20,0%) e na UECE (17,0%).

A UFC se destaca como a universidade mais representada em “outras” instituições, especificidade possivelmente explicada pelo maior prestígio dos seus cursos e pela existência de programas de bolsas de estudo para os recém-graduados interessados numa pós-graduação fora.

Nos casos em que o egresso tem mais dois cursos, além da graduação considerada, mantém-se a tendência de os graduados permanecerem nas suas instituições de origem no segundo curso (55,0% na UFC, 59,0% na UECE e 67,0% na UNIFOR), mas no terceiro curso é a UNIFOR que desponta como instituição mais atrativa, com 63,0% dos seus egressos, com três cursos, fazendo o terceiro na própria UNIFOR. Essa maior atração da universidade particular deve estar relacionada à sua maior agilidade/agressividade no que se refere à oferta de pós-graduação *lato sensu*, para compensar a inexistência dos cursos de mestrado e doutorado.

De forma mais conclusiva, pode-se resumir o perfil sócio-econômico e acadêmico dos egressos das três universidades, destacando-se algumas características mais relevantes.

No primeiro momento, aparecem aqui confirmadas[2] a inutilidade da polarização universidade pública *versus* privada e a irrelevância da caracterização a nível de universidade, desconsiderando-se as dimensões “curso” e “turno”.

Os egressos do ensino superior cearense, globalmente considerados, pertencem aos estratos mais favorecidos da população, notadamente os da universidade particular e os da federal, e menos os da estadual, que aparece como a instituição menos elitizada.

Na dimensão dos cursos, pode-se reafirmar a “elitização” de carreiras tradicionais como Medicina, Odontologia, Direito e Engenharia Civil, mas também a “ascensão” de carreiras relativamente novas como Processamento de Dados e Administração. De outro lado, aparecem relativamente “proletarizadas” as licenciaturas e os bacharelados mais feminilizados, como Biblioteconomia, Economia Doméstica, Nutrição, Serviço Social, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, proletarização que, possivelmente, esconde um fenômeno de mobilidade social ascendente para as mulheres.

Com relação à caracterização acadêmica, aparece uma proporção não desprezível de egressos realizando outros estudos, além da graduação considerada, concentrando-se essas ocorrências em cursos mais “abertos”, como as licenciaturas e administrativas, mas também em cursos mais “fechados”, como Enfermagem (notadamente, a da UECE).

---

[2] Ver Paul e Ribeiro Freire (1990).

O nível dos outros estudos concluídos é, predominantemente, o da graduação, para as três universidades, mas os cursos em andamento destacam a federal como a universidade cujos egressos mais se encaminham para o estudos pós-graduados.

O intercâmbio entre os egressos das três instituições revela um conjunto de inter-relações que configuram a existência de um verdadeiro sistema, onde cada universidade, a par de desempenhar o seu papel específico, parece apropriar-se de algumas especificidades da outra para, a partir daí, definir o seu próprio espaço de atuação e nele poder avançar.

IV. Acesso ao mercado de trabalho

A descrição das experiências vividas pelos egressos privilegia quatro questões. Inicialmente, destaca-se a situação do egresso no momento da pesquisa, relacionando-a àquela na época da graduação. A seguir são analisadas as variáveis tempo de procura e a influência de conhecimentos ou relações de amizade no acesso ao emprego.

1. Situação atual/número de empregos

Para descrever a situação profissional no momento da pesquisa, o graduado dispunha de quatro opções: "trabalha", "não trabalha e nem procura emprego", "desempregado procurando emprego" e " desempregado com promessa de emprego".

Os dados globais revelam uma população ativa (trabalha/procura/tem promessa) de 98,0% na UNIFOR, de 97%, na UECE, e de 96%, na UFC. A proporção de desempregados nessa população ativa é bem baixa. Juntando-se os dois tipos de desemprego (com procura e com promessa), a taxa varia de 5,0% na UECE a 6,0% na UNIFOR. Se considerarmos apenas os "desempregados à procura", essa taxa baixa ainda mais, variando de 3,9% na UFC a 5,3% na UNIFOR.

Os cursos mais atingidos pelo desemprego são: Economia Doméstica/Biblioteconomia (16,0%) e Agronomia (15,0%). Logo em seguida, aparece o curso de Veterinária, com 14,0%. Embora agrupado junto aos cursos da área de saúde, o curso de Veterinária parece se comportar, em algumas variáveis, mais próximo do de Agronomia, possivelmente, devido algumas características de origem social dos seus egressos (provenientes do interior do Estado e filhos de pais fazendeiros/agro-pecuaristas).

O desemprego nas licenciaturas também não deixa de ser importante, especialmente no caso da UFC (10,0%) de desempregados, contra 6,0% na UECE e 1,0% na UNIFOR).

Esta diferença pode estar associada a dois fatores. De um lado, à situação profissional no momento da graduação e, de outro, à origem sócio-econômica. No que se refere ao primeiro aspecto, os licenciados da UFC estão em posição desfavorável em relação aos da UECE e da UNIFOR, na medida em que 29,0% deles não trabalhavam no momento da graduação, percentual que, UECE, é de 17,0% e, na UNIFOR, de apenas 10,0%. No que diz respeito à origem social, também levam desvantagem os graduados da UFC. Enquanto 28,% dos pais da UNIFOR encontram-se na categoria "grandes e médios industriais/empresários/ proprietários", na UFC, essa proporção fica reduzida à metade. Se a esse resultado, acrescentarmos o da variável escolaridade do pai, que é "superior" em 37,0% dos casos na UNIFOR e em 28,0%, na UFC, o quadro de desfavorabilidade estará formado.

Ainda com relação à situação profissional, vale destacar que as maiores representações de graduados que "não trabalham e nem procuram emprego" se encontram nos cursos feminilizados e, mais uma vez juntos, nos de Agronomia e Veterinária. Nos três casos, a explicação pode estar no "salário de reserva" desses graduados, representado pelo apoio financeiro dos pais/familiares e/ou dos cônjuges.

O questionário previa, para os que trabalhavam no momento da pesquisa, a hipótese de mais de um emprego/ocupação. Na verdade, o espaço oferecido permitia a descrição de até três ocupações.

A proporção de alunos com mais de um emprego/ocupação varia de 20,0% a 30,0% na população. São os egressos da UNIFOR os que, proporcionalmente, têm mais de uma ocupação (30,0%) e os da UECE, menos (20,0%).

Ao nível das profissões, são os da área de saúde os que mais se caracterizam por um número maior de empregos. A observação vale para Medicina/Odontologia (57,0%) e para os paramédicos da UECE e UNIFOR (39,0%) e da UFC (28,0%).

No caso das engenharias, UFC e UNIFOR se diferenciam, porquanto, na primeira, a ocorrência de mais de um emprego se dá em 22,0% dos casos e, na segunda, em 32,0%. Também nos grupos dos cursos administrativos, a situação favorece à UNIFOR, com 27% dos seus egressos ocupando mais de um posto no mercado de trabalho, proporção que na UFC é de 17,0% e, na UECE, de apenas 10,0%.

2. Situação no momento da Graduação

Além de indagar sobre a situação profissional atual (no momento da pesquisa) o questionário também solicitava informações sobre a situação do egresso, no momento da graduação. Para descrever essa situação o questionário oferecia cinco possibilidades de resposta: "Já trabalhava e a ocupação era a mesma", "já trabalhava e a ocupação estava relacionada com a atual", "já trabalhava e a ocupação nada tinha a ver com a atual", "não trabalhava, mas procurava emprego" e "não trabalhava e nem procurava emprego'.

Os resultados dessa indagação revelam que proporção majoritária de alunos já

trabalhava no momento da graduação.

Esse achado não surpreende o já observado em pesquisa anterior[3], segundo o qual uma representação importante de universitários trabalha ao mesmo tempo da realização dos estudos superiores.

Aqui a proporção vai aumentar, mantendo-se, entretanto, a mesma ordenação do ponto de vista das instituições. São primeiramente os da UECE os que mais trabalhavam no momento da graduação (77,0%), seguidos dos da UNIFOR (75,0%) e dos da UFC (69,0%). Destacam-se nesse aspecto o grupo das administrativas, onde o percentual dos já trabalhavam parte **de 80,0% na UECE, sobe** para 81,0% na UNIFOR e chega a 86,0% na UFC.

Nas licenciaturas, a distribuição não é tão homogênea. Enquanto 90% dos licenciados da UNIFOR já trabalhavam, na UECE, esse percentual é de 83,0% e na UFC cai para 71,0%.

Também as engenharias apresentam importantes representações de alunos que trabalhavam no momento da graduação: 75,0% na UFC e 78,0% na UNIFOR.

Na UFC, ainda se destacam os cursos de Processamento, com 91,0% de graduados que já trabalhavam e de Psicologia/Comunicação Social, com 75,0 %.

Do lado dos que trabalhavam menos no momento da graduação, destacam-se os cursos da área de saúde, especialmente Medicina/Odontologia (55,% não trabalhavam), Veterinária (64,0%), os paramédicos da UFC (55,0%) e da UNIFOR (45,0%), Nutrição/Serviço Social (45,0%) e ainda o curso de Geologia da UNIFOR (74,0%).

A questão da estabilidade versus mobilidade da ocupação enriquece alguns aspectos da análise.

Do ponto de vista das instituições, a maior estabilidade na ocupação é encontrada na UECE, com 48,0% dos que já trabalhavam ocupando, no momento da pesquisa, o mesmo posto do momento da graduação. Essa proporção vale, para UFC, 37,0% e, para a, UNIFOR, 38,0%. Possivelmente mais uma vez, essa mobilidade na UECE se deve ao peso das licenciaturas que, como grupo de cursos é o que apresenta a menor mobilidade (49,0% da UFC, 58,0% da UECE e 45,0% da UNIFOR permanecem na mesma ocupação).

O grupo dos que tinham uma ocupação relacionada com a atual está representado por 16,0% na UFC e na UNIFOR e 11,0% na UECE. Nesse grupo, destaca-se o curso de Processamento de Dados, com 53,0% dos seus egressos ocupando, no momento da pesquisa, posto no mercado de trabalho relacionado com o do momento da graduação.

A mudança radical de ocupação só acontece para um quinto dos graduados. O grupo dos cursos administrativos parece se sobressair como um dos cursos de mais forte mobilidade após a graduação. Mais da metade dos seus egressos vai ter uma ocupação diferente da que tinha, se agruparmos as categorias “relacionada” e “diferente” da ocupação

[3] Ver Paul e Ribeiro Freire (1990)

no momento da graduação. Se considerarmos apenas a proporção dos que mudam completamente (aqueles cuja ocupação no momento da graduação era diferente da atual), ela varia de 15,0% na UFC a 21,0% na UNIFOR.

O grupo das engenharias da UFC, mais do que o da UNIFOR, também se destaca por essa mobilidade: 44,0% na UFC e 38,0% na UNIFOR não vão ter a mesma ocupação depois de graduados.

3. Tempo de procura

Para os graduados que não trabalhavam no momento da graduação, foi perguntado o tempo que eles levaram para conseguir o primeiro emprego.

O tempo médio de procura varia entre três e treze meses, com ponto modal, a nível dos cursos, de sete meses. A análise desse tempo médio deixa de lado dois grupos, cuja quase totalidade dos egressos já trabalhavam no momento da graduação (processamento e licenciaturas da UNIFOR).

Os cursos com menor tempo de procura (entre três e quatro meses) são cursos com boa aceitação no mercado de trabalho, segundo as observações feitas através das taxas de desemprego e dos salários (Medicina/Odontologia, engenharias da UNIFOR e administrativas da UECE (sete meses). No segundo, encontram-se cursos que, apesar do bom desempenho (bons salários e baixo desemprego), parece estarem com dificuldades de absorver novos contigentes: caso das administrativas da UFC (doze meses de procura) e dos paramédicos da UECE (nove meses de procura).

Com o grupo dos paramédicos da UECE é formado apenas pelo curso de Enfermagem pode-se combinar esse resultado com o encontrado anteriormente na análise de “outros estudos” quando se constatou que o grupo de Enfermagem da UECE realizava duas vezes mais “outros cursos” do que a média da universidade. Nesse caso, a atração por mais estudos poderia ser entendida como uma forma alternativa de procurar/aguardar emprego.

4. **Influência**

O questionário também levantava uma questão sobre a influência de parentes/amigos/conhecidos no acesso ao emprego.

Para a análise dessa influência, a variável de origem social - ocupação do pai - foi agrupada em três grandes grupos.

Na categoria **alta,** ficaram as grandes e médios industriais/empresários/ proprietários e profissionais liberais; **na média**, os médios funcionários públicos/ privados;

e na **baixa**, os pequenos proprietários, bancários, operários.

O que os dados revelam é a existência de uma forte relação entre a origem social e a utilização da influência de conhecimento para o acesso ao emprego.

Na realidade, distinguem-se claramente os graduados de origem **alta**, 47,0% dos quais se beneficiaram de um intermediário nesse processo de obtenção de emprego, dos dois outros grupos, os de origem social **média** e **baixa**, onde a influência de parentesco/amizade/conhecimento interfere em 38,0% e 35,0% dos casos, respectivamente.

V. O egresso no mercado de trabalho

A análise da situação dos egressos no mercado de trabalho acrescenta informações à descrição do capítulo anterior, detalhando os empregos e os setores de atividades ocupados e discutindo a questão dos salários e das possíveis mudanças percebidas pelos egressos como decorrentes da graduação.

1. Caracterização dos empregos

A descrição solicitada no questionário envolvia o estatuto do emprego (assalariado versus autônomo), o tipo de empresa (governo federal, estadual/municipal, empresa pública versus empresa privada), o setor de atividade (indústria, comércio, prestação de serviços etc) e o salário para até três ocupações.

Nessa análise, apresentaremos, quanto ao estatuto, o primeiro emprego (ou principal) e o segundo[4]. No que se refere ao tipo de empresa e ao setor de atividade , nos deteremos apenas no emprego principal. O salário será discutido em seção específica.

A taxa de assalariados no primeiro emprego varia de 80,0% na UFC e UNIFOR a 88,0% na UECE, com destaque especial para as licenciaturas da UNIFOR e da UFC, com 95,0% e 92,0% de assalariados. A situação dos licenciados da UECE, fica um pouco mais abaixo, com um percentual de 87,0% de assalariados no primeiro emprego.

Fortemente representados na categoria de assalariados, também aparecem os egressos dos cursos paramédicos da UNIFOR (83,0%), da UFC (92,0%) e da UECE (94,0%).

Diferentemente se comportam os demais cursos da área de saúde. Os de

[4] O segundo descrito e não o segundo no tempo.

Medicina/Odontologia da UFC e o de Veterinária da UECE apresentam importantes representações de “autônomos” já no primeiro emprego (37,0% na UFC e 35,0% na UECE). Também as engenharias da UFC e UNIFOR se destacam por maiores proporções dessa categoria (25,0% e 28,0% de autônomos, respectivamente).

O segundo emprego se caracteriza mais pela categoria “autônomo”, que parte de 31%, na UECE, sobe para 41,0% na UFC e atinge 57,0% na UNIFOR.

Destacam-se, como grupos de cursos, os da área de administração das três universidades, com 53,0% de autônomos na UECE, 63,0% na UFC e 70,0% na UNIFOR e ainda as engenharias, com 69,0% na UFC e 82,0% na UNIFOR.

Os cursos mais privilegiados da área de saúde vão tomar, no segundo emprego, uma direção inversa. Parece que depois de assegurada a “autonomia” da ocupação principal (e, quem sabe, melhores salários), os seus egressos vão se render, na segunda ocupação, à relativa segurança e tranqüilidade dos empregos assalariados.

A distribuição dos egressos quanto ao tipo de empresa onde trabalham revela uma situação bastante curiosa. Os dados globais desenham um “sistema” de nítidos contornos entre instituições e mercado de trabalho, articulando os postos de trabalho do governo federal aos egressos da UFC, os do governo estadual/municipal aos UECE e os da iniciativa privada aos da UNIFOR.

Assim é que, enquanto 18,0% dos graduados da UFC trabalham para organismos do governo federal, essa proporção é de 14,0% na UECE e de apenas 9,0% na UNIFOR.

Os que trabalham para o governo estadual/municipal estão concentrados na UECE (37,0%), menos na UFC (24,0%) e menos ainda na UNIFOR (20,0%).

Na iniciativa privada estão 40,0% dos egressos da UNIFOR, contra 30,0% dos da UFC e 27,0% dos da UECE.

Se descermos a análise ao nível das universidades, encontraremos, na UFC, uma maior proporção de graduados que trabalham para o governo federal nos cursos paramédicos (31,0%) e no de Agronomia (22,0%). No governo estadual/municipal, estão melhor representados os egressos de Agronomia (42,0%), os das licenciaturas (41,0%) e os de Economia Doméstica/Biblioteconomia (40,0%). Nas empresas públicas destacam-se os graduados de Processamento de Dados (37,0%) e os da área administrativa (23,0%). Finalmente, nas empresas privadas, as maiores representações estão com os formados em Psicologia/Comunicação Social (57,0%) e Química Industrial/Estatística/Geologia (50,0%). Interessante observar ainda que a iniciativa privada absorve diferentemente os egressos de processamento e os dos cursos paramédicos. Os primeiros estão mais representados nas grandes empresas e os últimos, nas pequenas.

Na UECE, são também os egressos dos paramédicos (Enfermagem) os mais absorvidos pelo governo federal, seguidos de perto pelo graduados de Nutrição/Serviço Social (21,0%) e pelos das administrativas (18,0%). O governo estadual/municipal também recebe importante proporção dos paramédicos (55,0%) e das licenciaturas (45,0%). Nas empresas públicas, a representação de egressos da UECE é muito pequena, com uma

exceção para os graduados da área administrativas (25,0%). A iniciativa privada recebe 39,0% dos egressos dessa mesma área, 45,0% dos de Veterinária e 34,0% dos de Nutrição/ Serviço Social. Na distribuição entre pequenas e grandes empresas, os da área administrativa e de Nutrição/Serviço Social ficam preferencialmente nas grandes (34,0% e 29,0%, respectivamente) e os de Veterinária, mais nas pequenas (31,0% contra 15,0% nas grandes).

Na UNIFOR, os que trabalham no governo federal são mais os egressos das administrativas (11,0%), enquanto o governo estadual/municipal recebe boa representação das licenciaturas (66,0%) e dos paramédicos (33,0%). Nas empresas públicas, como no governo federal, a maior representação fica com os graduados da área administrativa (24,0%). Finalmente, na iniciativa privada, ficam as engenharias (68,0%) e também os paramédicos (45,0%).

Numa análise comparativa, os casos mais interessantes são o dos paramédicos e o das engenharias, sintomáticos representantes de uma segmentação do mercado de trabalho, baseada na distinção federal vs. estadual vs. privado.

Tabela 7 - Distribuição dos egressos, por grupos de curso comuns, segundo tipo de empresa (em porcentagem)

Grupo	Governo Federal			Governo Estadual/ Municipal			Empresa Privada		
	UFC	UECE	UNIFOR	UFC	UECE	UNIFOR	UFC	UECE	UNIFOR
ADM	18,0	18,0	11,0	14,0	10,0	15,0	25,0	39,0	33,0
ENG	21,0	-	9,0	14,0	-	6,0	34,0	-	68,0
LIC	14,0	11,0	4,0	41,0	45,0	66,0	11,0	24,0	18,0
MOV	18,0	12,0	-	22,0	18,0	-	30,0	46,0	-
PAR	31,0	22,0	3,0	26,0	56,0	33,0	27,0	7,0	45,0
QEG	10,0	-	6,0	25,0	-	16,0	50,0	-	44,0
MÉDIA	18,0	14,0	9,0	24,0	37,0	20,0	30,0	27,0	40,0

Os paramédicos da UFC trabalham mais no governo federal (31,0%, contra 22,0% na UECE e apenas 3,0% na UNIFOR); os da UECE trabalham mais para o governo estadual/municipal (56,0% contra 26,0% da UFC e 33,0% da UNIFOR); e os da UNIFOR trabalham mais na iniciativa privada (45,0%, contra 27,0% na UFC e apenas 7,0% na UECE). Ressalte-se que essa proporção da UFC engloba os graduados em Farmácia, o que pode ser confirmado pelo peso desse grupo nas empresas privadas de pequeno porte (menos de 50 empregados).

As engenharias da UFC e UNIFOR também ilustram essa segmentação entre empregos públicos, no caso da Federal, e empregos privados, no caso da particular. Enquanto 34,0% dos egressos da UFC trabalham na iniciativa privada, essa proporção dobra, na UNIFOR, ficando em 68,0%.

2. Setor de atividade

Globalmente. os setores de atividade que mais absorvem os egressos do ensino superior em Fortaleza são o do Ensino de 1° e 2° Graus (16,0%), o de Serviços Médicos, Odontológicos, Veterinários (12,0%) e o da Administração Pública (10,0%), ficando ainda com boas representações o setor de Serviços Técnico-Profissionais (9,0%) e as Instituições de Crédito (8,0%).

Na UFC, observa-se o peso do setor de "serviços médicos-odontológicos-veterinários" (19,0%), contra 8,0% na UECE e na UNIFOR), explicado pelos cursos de Medicina e Odontologia, com 93,0% dos seus graduados trabalhando no setor.

O peso do setor de "Ensino de 1° e 2° Graus", na UECE (28,0%, contra 15,0% na UFC e 8,0% na UNIFOR), pode ser relacionado com a importância das licenciaturas nessa instituição.

Na UNIFOR, o peso dos setores "construção civil"(9,0%) e "serviços técnico-profissionais"(13,0%) pode ser atribuído à importância das engenharias e dos cursos administrativos. Na UFC, a representação desses setores é, respectivamente 2,0% e 10,0% e, na UECE, 0,4% e 3,7%.

Na dimensão dos cursos, o que se observa, na UFC, é o peso maior do setor "industria" nas engenharias (17,0%), contra uma média de 6,0%) e ainda do grupo Química Industrial/Estatística/Geologia (26,0%). As engenharias ainda parecem fortemente representadas no setor de "construção civil", com 12,0% dos seus egressos, contra uma média de 2,0%. Nos "serviços de utilidade pública", destaca-se o curso de Processamento de Dados, com 12,0%, contra uma média de 4,0%. Os cursos da UFC têm um peso importante no setor "instituições de crédito, seguro, administração de imóveis"(25,0%), no setor "comércio" (11,0% contra uma média de 5,0%) e ainda na "administração pública", que representa 21,0% dos empregos, contra 11,0% em média. O setor de "serviços técnico-profissionais" recebe 19,0% dos egressos dos cursos administrativos e outros 19,0% daqueles das engenharias.

Na UECE, 20,0% dos egressos das administrativas trabalham na indústria, contra 5,% em média, e 13,0%, na instituições de créditos, contra uma média de 7,0%. As licenciaturas concentram-se no setor de ensino: 44,0%, no primeiro e segundo graus e 2,0%, no superior. Mais 10,0% desses egressos trabalham na administração pública. Três setores absorvem 60,0% dos egressos de Veterinária: serviços médicos-odontológicos-veterinários (38,0%), administração pública (10,0%) e ensino superior (9,0%). Também 70,0% dos egressos da Enfermagem da UECE estão concentrados em três setores: serviços médicos-odontológicos-veterinários (46,0%), ensino de 1º e 2º Graus (16,0%) e serviços técnico-profissionais (8,0%).

Na UNIFOR, as concentrações maiores se observam, para os egressos das engenharias, nos setores de construção civil (42,0%) e da indústria (16,0%) e, para os das licenciaturas, no ensino de 1º e 2º Graus (44,0%) e na administração pública (15,0%).

3. Salários

Com o objetivo de evitar os problemas ligados à desvalorização da moeda brasileira, os valores informados pelos egressos foram transformados em dólares dos

Estados Unidos, utilizando-se a taxa oficial de abril de 1990 (US$1=Cr$ 3647).

Assim transformados, hierarquizarmos os grupos de cursos do salário médio mais alto para o mais baixo. Ressalte-se que os valores dessa hierarquia incluem o total de rendimentos informados em uma, duas ou três ocupações.

Inicialmente, comentaremos os dados globais da distribuição, considerando-se todos os cursos, sem agrupá-los.

A curva de salários dos egressos do ensino superior de Fortaleza é nitidamente puxada à direita, com 56,0% na faixa de 10 pisos salariais ou mais, 37,0% na faixa de 5-10 pisos salariais. Não foram encontrados graduados com rendimentos mensais inferiores a três pisos salariais. Globalmente, a universidade cujos egressos estão mais representados na faixa mais alta é a UFC, com 75,0% dos seus egressos percebendo rendimentos iguais ou superiores a 10 pisos salariais. Essa proporção, na UNIFOR, é de 60,0% e, na UECE cai para menos de metade (25,0%).

A maior concentração na UECE vai ficar na faixa de 5-10 pisos salariais, onde estão representados 66,0% dos seus egressos. Essa diferença da curva salarial na universidade estadual se deve, evidentemente, ao peso das licenciaturas e dos cursos feminilizados (Nutrição/Serviço Social e Enfermagem).

Se compararmos esses resultados com os da PEA urbana cearense (PNAD 1988), veremos que o portador de diploma de curso superior tem uma situação nitidamente privilegiada em termos de salários. Enquanto 76,4% da PEA urbana ganha até dois pisos salariais e apenas 4,5% ganha igual ou acima de 10 pisos, os egressos das universidades cearenses, que não estão representados na faixa de até dois pisos, concentram-se na faixa superior (56,0% ganham igual ou acima de 10 pisos).

` Descendo-se a análise para os grupos de cursos hierarquizados e relacionando os salários às faixas de pisos salariais, encontraremos os maiores salários justamente naqueles cursos mais prestigiados e cujos egressos são provenientes dos estratos mais altos da população.

Tabela 8 - Distribuição dos salários médios, por grupos de cursos de oferta múltipla (Em US$)

Grupo	UFC	UECE	UNIFOR
ADM	1079	1164	1285
ENG	1055	-	1073
LIC	457	489	414
MOV	1534	907	-
PAR	790	935	483
QEG	801	-	585

Nesse primeiro grupo, o salário mais alto se encontra no grupo Medicina/Odontologia, correspondendo a US$1534 e o mais baixo, no das engenharias da

UNIFOR (US$1073). A faixa correspondente em pisos salariais para esse grupo é de maior ou igual a 15 pisos salariais.

O segundo grupo, que vai de US$1055 a US$790 (10-15 pisos salariais) está representado pelas engenharias da UFC, pelos paramédicos da UFC e UECE, pelos grupos Psicologia/Comunicação Social, Química Industrial/Estatística/Geologia e Agronomia da UFC e ainda pelo curso de Veterinária da UECE.

O último grupo de cursos, que vai de US$585 a US$790 (5-10 pisos salariais), reúne o curso de Geologia e os paramédicos da UNIFOR, o grupo Nutrição/Serviço Social da UECE, o grupo Economia Doméstica/Biblioteconomia da UFC e as licenciaturas das três universidades. O mais interessante desse grupo é que, à exceção do curso de Geologia da UNIFOR, todos os demais são nitidamente femininos.

De um modo geral, os grupos de cursos de cada universidade aparecem próximos na hierarquia. Isso é verdadeiro para os grupos das administrativas e das engenharias, no alto da hierarquia e, também para as licenciaturas, no extremo inferior. Mas não o é para os cursos da área de saúde. Os da UFC ficam disparados no alto e o de Veterinária da UECE vem juntar-se ao de Agronomia, no segundo grupo.

Também se comportam diferentemente os paramédicos. Embora o da UECE e os da UFC apareçam juntos no segundo grupo, o da UECE apresenta um salário médio de US$935 e os da UFC, US$790. Os paramédicos da UNIFOR, entretanto, ficam na última faixa, junto às licenciaturas, com um salário médio de apenas US$483. Sabendo-se que os egressos dos paramédicos da UFC e da UECE estão mais no setor público e os da UNIFOR mais no setor privado, fica uma indagação a respeito das remunerações médias praticadas pela iniciativa privada, no caso de algumas categorias profissionais.

As Tabelas 9.1 a 9.6 apresentam categorias por cursos, segundo o tipo de oferta (múltipla ou exclusiva).

Tabela 9.1 - Distribuição dos salários médios, nos cursos comuns às três Universidades (Em US$)

Curso	UFC	UECE	UNIFOR
Administração	936	1164	1007
Enfermagem	830	867	500
Pedagogia	338	390	421

Tabela 9.2 - Distribuição dos salários médios, nos cursos comuns à UFC e UECE (Em US$)

Curso	UFC	UECE
Letras	424	577
Geografia	581	406
História	538	564

Tabela 9.3 - Distribuição dos salários médios, nos cursos comuns à UFC e UNIFOR (Em US$)

Curso	UFC	UNIFOR
Economia	1013	1022
Direito	1191	2414
Engenharia Civil	1175	1010
Engenharia Elétrica	1257	1137
Engenharia Mecânica	1283	1141
Geologia	778	585
Ciências Sociais	414	405
Contabilidade	948	1088

Tabela 9.4 - Distribuição dos salários médios nos cursos de oferta exclusiva da UFC (Em US$)

Cursos	Salário médio
Medicina	1725
Psicologia	1259
Arquitetura	1159
Processamento	1141
Odontologia	1115
Agronomia	796
Química Industrial	755
Comunicação Social	743
Farmácia	741
Engenharia Química	689
Engenharia de Alimentos	649
Biblioteconomia	480
Engenharia de Pesca	432

Tabela 9.5 - Distribuição dos salários médios nos cursos de oferta exclusiva da UECE (Em US$)

Curso	Salário médio
Administração Hospitalar	1167
Veterinária	907
Serviço Social	590
Nutrição	504
Estudos Sociais	403
Filosofia	321

Tabela 9.6 - Distribuição dos salários médios nos cursos de oferta exclusiva da UNIFOR (Em US$)

Curso	Salário médio
Educação Física	505
Fisioterapia	471
Terapia Ocupacional	321

4. Mudanças

A título de avaliar a percepção dos graduados em relação a mudanças profissionais decorrentes da graduação foram oferecidas aos egressos que trabalhavam, no momento da pesquisa, cinco opções. A primeira, excludente, indicava a não ocorrência de qualquer mudança. As outras quatro, não excludentes, propunham mudanças do tipo "melhoria salarial", "promoção no emprego", "melhoria no conteúdo do emprego" e "obtenção de um novo emprego".

Em geral, os egressos reconhecem a ocorrência de mudanças decorrentes da graduação. Na UFC, 75,0% percebem alguma mudança, na UNIFOR, 69,0% e, na UECE, 66,0%.

Embora não se observem grandes variações, destacam-se no grupo da UFC, os egressos dos Cursos de Medicina/Odontologia que apontam mudanças em 95,0% dos casos e ainda os de Psicologia/Comunicação Social (84,0%), Economia Doméstica/ Biblioteconomia (84,0%) e Processamento de Dados (81,0%). Do lado oposto, os graduados dos cursos administrativos da UFC são os que se colocam de forma mais reservada quanto à ocorrência de mudanças (61,0%).

Na UECE, os que mais percebem mudanças são os graduados de Veterinária (84,0%) e dos paramédicos (85,0%).

Na UNIFOR, são também os graduados dos cursos paramédicos os que mais reconhecem a ocorrência de mudanças decorrentes da graduação (79,0%).

Comparando-se as universidades, destacam-se, no grupo das licenciaturas, as da UFC, que reconhecem em proporção mais alta do que as das outras duas, a ocorrência de mudanças (74,0% contra 67,% na UNIFOR e 60,0% na UECE).

Os cursos da área administrativa e os paramédicos apresentam comportamento inverso, ficando os egressos da UECE com uma percepção mais favorável do que os das outras duas. Nos paramédicos, 85,0% apontam mudanças, contra 79,0% na UNIFOR e 76,0% na UFC. Nas administrativas, 73,0% dos egressos da UECE sinalizam alguma mudança, contra 64,0% na UNIFOR e 61,0% na UFC.

No detalhamento dos tipos de mudanças ocorridas, os egressos comportam-se de forma mais cautelosa. Na realidade, os que apontam uma melhoria salarial são mais numerosos na UFC, mas não ultrapassam 37,0%; na UECE e na UNIFOR, esse percentual baixa para 26,0%.

Na UFC, quem reconhece as melhores mudanças, em termos de salários, são os cursos da área de saúde: Medicina/Odontologia (53,0%), paramédicos (47,0%) e ainda Psicologia/Comunicação Social (47,0%). Em menor proporção, as engenharias (42,0%) e o curso de Processamento de Dados (42,0%).

Na UECE, os que mais percebem melhorias salariais são também os paramédicos (32,0%) e o curso de Medicina Veterinária (29,0%).

Os paramédicos da UNIFOR, mais uma vez, invertem a tendência, ficando abaixo da média da universidade, no que se refere à percepção de melhoria salarial decorrente da graduação. Esse resultado, de alguma forma, valida os comentários sobre os baixos salários dos egressos dos paramédicos dessa universidade. Na UNIFOR, as melhores mudanças vão ser apontadas pelos egressos das engenharias.

No que se refere à mudança do tipo "promoção no emprego", a UNIFOR aparece como a instituição cujos egressos mais a reconhecem (23,0%), contra (17,0%) na UFC e (14,0%) na UECE.

Nesse segundo tipo de mudança, não há uma tendência muito nítida de uma universidade para outra.

Na UFC, destaca-se com um percentual mais do que duas vezes superior a média, o curso de Processamento de Dados, com 43,0% dos seus egressos apontando uma mudança do tipo "promoção". Um pouco acima da média, aparecem ainda as licenciaturas (21,0%), o curso de Agronomia (20,0%) e o grupo Economia Doméstica/ (18,0%).

Na UECE, os cursos que reconhecem maiores mudanças do tipo "promoção" são os da área administrativa (24,0%) e os paramédicos (24,0%). Interessante destacar o caso dos administrativos, porquanto na UNIFOR, eles também apresentam a maior taxa (26,0%), mas na UFC, os que reconhecem essa mudança não passam de 16,0%.

Na UNIFOR, destacam-se ainda as engenharias, com 25,0% dos seus egressos reconhecendo mudanças do tipo "promoção".

No que diz respeito a mudanças do tipo "melhoria no conteúdo do emprego", a

UFC volta a ficar com a média mais alta (20,0%), seguida de perto pela UECE (16,0%) e pela UNIFOR (15,0%), sem que haja muita variação interna de uma instituição para outra.

Na UFC, dois grupos se destacam pela baixa ocorrência de melhorias no conteúdo do emprego: os de Economia Doméstica/biblioteconomia (0,0%) e os paramédicos (11,0%).

Nas duas outras instituições, as licenciaturas são as que apresentam as menores representações de percepção de melhoria (8,0% na UNIFOR e 12,0% na UECE), resultado bem diferente do da UFC, onde 22,0% do licenciados apontam ocorrência de melhoria no conteúdo do emprego.

Finalmente, na UNIFOR, destacam-se as engenharias, com boa representação de egressos reconhecendo melhorias desse tipo (25,0%).

Com referência às mudanças do tipo "obtenção de um novo emprego" o mais óbvio é o que acontece com os cursos da área de saúde. A exceção dos paramédicos da UFC, todos os demais cursos da área apontam percentuais de mudança mais elevados do que a média. Assim é o caso de Medicina/Odontologia na UFC e Veterinária na UECE (52,0% e 30,0%, respectivamente), Psicologia/Comunicação Social (44,0%) e paramédicos da UECE (26,0%) e UNIFOR (27,0%).

Resumindo as razões de mudanças, uma tipologia de quatro grupos pode ser visualizada. Melhoria salarial acompanhada de promoção no emprego (caso do curso de Processamento de Dados); melhoria salarial acompanhada a obtenção de um novo emprego (caso de Medicina/Odontologia, Veterinária, Psicologia/Comunicação Social, paramédicos da UECE e licenciaturas da UNIFOR); melhoria por reconhecimento social do diploma, aquela que representa uma melhoria salarial não acompanhada de outro tipo de mudança (engenharias da UFC e da UNIFOR e licenciaturas da UFC e UECE); e o último grupo, o daqueles onde não aparecem ligações explícitas entre as várias modalidades de mudanças.

Vale ainda ressaltar que, no caso das licenciaturas, especificamente aqueles graduados que já tinham um contrato de trabalho na rede pública de ensino, eles vão, automaticamente, receber um acréscimo salarial por conta da titulação de nível superior. Assim, não é de se estranhar que esse tipo de mudança apareça de forma tão nítida nas três universidades.

VI. Modelos de renda

A análise precedente mostrou a influência de cada variável uma a uma. Na realidade, é importante poder analisar o efeito de uma variável *ceteris paribus* em relação às outras. Por exemplo, se observamos uma influência forte da variável universidade no salário, é importante saber a parte relacionada, por exemplo, à origem social (se a origem social não for distribuída igualmente nas três universidades). Um modelo de regressão múltipla permite construir a análise nessa linha.

As variáveis selecionadas nessa análise pertencem a três conjuntos: o das pedagógicas (instituição e curso): o da experiência de trabalho (o fato de trabalhar no momento da graduação, a idade e o ano de graduação) e os atributos pessoais (sexo e origem social). Partindo-se da suposição de que a renda cresce com a experiência, pode-se esperar que os indivíduos que trabalhavam no momento da graduação recebam mais do que os outros, que os mais velhos recebam mais do que os mais jovens e que os graduados de 1984 recebam mais do que aqueles de 1985 e 1986. Em relação a esse último fator, essa hipótese vale na condição de que as condições no mercado de trabalho não evoluam. No caso dos atributos pessoais, a inclusão do sexo permite estimar a existência e o impacto da discriminação sexual, assim como através da origem social, pode-se estimar o impacto "das relações de conhecimento" sobre o acesso ao mercado de trabalho. Ainda no que diz respeito ao sexo e à origem social, podemos testar o poder da educação superior em igualar as oportunidades de emprego.

Dois modelos serão testados. O primeiro se refere à população inteira e considera os onze conjuntos de cursos estudados. O segundo modelo foi elaborado para cada um dos três conjuntos comuns às três universidades e mais para Engenharia e Direito, cursos comuns à Federal e à particular. Nesse caso, os cursos de Direito e de Enfermagem serão considerados à parte e não agrupados com os cursos de Administração-Contabilidade-Economia, no caso de Direito, ou com os outros paramédicos, no caso de Enfermagem.

O quadro seguinte apresenta os resultados do modelo global. Para cada variável, ele indica o coeficiente de regressão e seu desvio padrão e a elasticidade correspondente. Essa elasticidade indica a variação relativa de renda que corresponde à variável. No caso de uma variável em classes, como no caso da variável "curso", a elasticidade se interpreta em relação à classe de referência. Por exemplo, os egressos do curso de Processamento de Dados recebem 41,2% a mais do que os de Engenharia (curso de referência), *ceteris paribus* em relação às outras variáveis. No caso de uma variável contínua, a elasticidade corresponde a uma variação de uma unidade variável considerada. Por exemplo, um ano de idade a mais se traduz por um acréscimo de renda de 0,3%.

Três grupos de cursos correspondem a uma renda maior do que as Engenharias: Administração/Contabilidade/Economia (+10,8%), Processamento de Dados (+41,2%) e Medicina/Odontologia/Veterinária (+68,8%). Um grupo não apresenta uma diferença significativa: Psicologia/Comunicação Social. Os egressos dos outros cursos recebem uma renda inferior às Engenharias. Podemos listá-los por ordem crescente de diferença: Química/ Química Industrial/Estatística/Geologia (-23,7%), Economia Doméstica/ Biblioteconomia (-23,8%), paramédicos (-32,7%), Nutrição/Serviço Social (-39,3%), Agronomia (-39,3%), licenciaturas (-107,9%).

Eliminada a influência do curso podemos perceber uma certa vantagem de renda para os egressos da universidade federal. Na verdade eles recebem 6,5% a mais do que os egressos da estadual (referência no modelo). Essa diferença, entretanto, desaparece quando a comparação é feita entre os egressos da estadual e seus colegas da particular.

A elevação da renda com a experiência é evidente no modelo. Os graduados mais antigos recebem mais do que os graduados de 1984. No mesmo sentido, a cada ano de idade a mais corresponde 0,3% de renda a mais.

Um dos resultados mais fortes e ao mesmo mais preocupaste diz respeito ao efeito dos atributos pessoais, sexo e a origem social. Da maneira óbvia, o ensino superior não igualiza as oportunidades de emprego. As mulheres, mesmo depois de ter considerado a influência do curso, recebem 60,8% a menos do que os homens e os egressos cujos pais têm nível de escolaridade secundário ou superior recebem 14,1% a mais do que os outros.

Tabela 10 - Modelos de renda total (logaritmo)

Variável	**Coeficiente**	**Desvio Padrão**	**Elasticidade (*)**
Constante	6,594	0,063	
Administração/Contabilidade/Economia/Direito (1)	0,103***	0,031	10,8%
Licenciaturas	-0,733**	0,036	-107,9%
Medicina/Odontologia/Veterinária (1)	0,525***	0,044	68,8%
paramédicos (1)	-0,283***	0,038	-32,7%
Economia Doméstica/Biblioteconomia (1)	-0,217***	0,081	-23,8%
Psicologia/Comunicação Social (1)	0,012	0,066	
Química/Química Industrial/Estatística (1)	-0,214***	0,071	-23,7%
Nutrição/Serviço Social (1)	-0,333***	0,058	-39,3%
Agronomia (1)	-0,334***	0,060	-39,3%
Processamento (1)	0,348***	0,080	41,2%
Trabalha no momento de graduação	0,277***	0,021	31,9%
Graduado em 1985 (3)	-0,074***	0,022	-7,7%
Graduado em 1986 (3)	-0,257***	0,022	-29,2%
Idade	0,003*	0,002	0,3%
Federal (4)	0,064***	0,025	6,5%
Particular (4)	0,031	0,026	
Sexo Feminino (5)	-0,475***	0,018	-60,8%
Pai com escolaridade secundária/superior (6)	0,132***	0,018	14,1%
R 2	0,372		
N	7,281		

(1) Comparado com as engenharias
(2) Comparado com os indivíduos que não trabalhavam no momento da graduação
(3) Comparado com os graduados de 1984.
(4) Comparado com a universidade estadual
(5) Comparado com o sexo masculino
(6) Comparado com pai com escolaridade inferior a secundário

Nível de significância: ***1%, **5%, * 10%

[*] A elasticidade é calculada de acordo com a fórmula: ê = exp (c-1/2V (c)) -1, com o valor do coeficiente de regressão e V sua variância.

Para melhorar a análise do efeito da instituição, é conveniente selecionar os egressos dos cursos ofertados por mais de uma instituição. No que diz respeito aos cursos ofertados pelas três, podemos estudar o caso da Administração/Contabilidade/Economia, das licenciaturas e de Enfermagem. Observaremos também o caso das Engenharias de Direito, cursos ofertados pela federal e pela particular.

O que se pode observar nesta análise é que ela não resulta numa hierarquização nítida entre as três universidades. No que diz respeito aos cursos ofertados pelas três universidades, os graduados das licenciaturas da universidade particular recebem salários menores do que os graduados das duas outras instituições. Os graduados da estadual que vão ocupar uma melhor posição salarial são os do grupo Administração/Contabilidade/Economia, diferença que não se observa entre os da Federal e da particular. Em relação ao curso de Enfermagem, não se percebe nenhuma diferença significativa entre os graduados das três universidades.

No que diz respeito aos cursos comuns à Federal e à particular, os graduados de Direito da universidade particular apresentam uma vantagem salarial forte (36,1% a mais). Mas esse curso parece muito peculiar, mostrando uma influência importante da experiência (muitos alunos desse curso estão trabalhando há muito tempo) e da origem social, na medida em que esse curso pode ser usado para legitimar com uma dimensão acadêmica o poder econômico de uma parte da burguesia local. Observe-se que os alunos cujos pais têm nível de educação mais elevado do que o primário recebem 127,1% a mais do que os outros.

Tabela 11 - Elasticidade para os modelos por curso (variáveis significativas pelo menos a 10 porcento).

Variável	Administração/ Contabilidade/ Economia	Licenciatura	Enfermagem	Engenharia	Direito
Trab.momento graduação (1)	19,7%	35,5%	34,9%		263,5%
Graduado em 1985 (2)		12,0%	-28,2%	-10,8%	-53,8%
Graduado em 1986 (2)	-21,3%		-147,5%	-38,2%	-105,6%
Idade					1,2%
Federal (3)	-9,1%	8,4%			
Particular (3)	-10,3%	-12,5%			36,1%
Sexo feminino (4)	-44,1%	-93,9%		-19,2%	-50,0%
Pai com esc. sec + sup (5)	14,5%		29,2%	13,5%	127,1%
R2	0,0932	0,1701	0,300	0.804	0,5447
N	1,583	1,845	357	598	832

(1) Comparado com os indivíduos que não trabalhavam no momento da graduação
(2) Comparado com os graduados de 1984
(3) Comparado com a universidade estadual
(4) Comparado com sexo masculino
(5) Comparado com pai com escolaridade inferior a secundário

Conclusão

A pesquisa com os egressos do ensino superior, envolvendo graduados de todos os cursos oferecidos pelas três universidades de Fortaleza, dos anos 84, 85 e 86, revelou achados da maior importância e absolutamente inéditos no Brasil.

Na verdade, a trilogia iniciada com os vestibulandos, aprofundada com os matriculados e concluída com os graduados aponta, de forma inequívoca, a existência de um sistema de ensino bastante articulado, onde as três universidades - a federal, a estadual e a particular - mesmo quando parecem superpor (caso dos cursos ofertados por mais de uma instituição), se organizam, a partir de interseção, na direção da intercomplementaridade.

Fortemente marcado pela diversidade das características sócio-econômicas e acadêmicas dos alunos dos diferentes cursos, o sistema de ensino superior cearense reproduz a realidade social existente, onde as oportunidades de freqüentar um curso de nível superior, especialmente os mais prestigiados, constituem privilégio das camadas mais favorecidas da população. A análise dos indicadores nível de instrução e distribuição de renda revela que a seletividade desse grau de ensino no Ceará ainda é mais acentuada do que a observada no
Brasil.

Embora, do ponto de vista das instituições, a federal e a particular exemplifiquem, bem melhor do que a estadual, essa seletividade, a verdadeira elitização vai aparecer, significativamente, na dimensão dos cursos e do turno.

Se é verdade que a oferta mais prestigiada da UFC (Medicina, Odontologia, Direito, Engenharia Civil) acolhe os alunos provenientes dos estratos sociais mais privilegiados, não é menos verdade que também na UECE (Administração, Veterinária) e na UNIFOR (Direito, Administração) eles se fazem representar.

Essa forte seletividade do sistema vai contribuir, de forma decisiva, para ausência de desemprego. Definitivamente os dados mostram que, além de não haver desemprego entre os graduados das universidades, nos anos considerados, existe uma renda de raridade para esses indivíduos, independente da ocupação que eles tenham no mercado de trabalho. Em decorrência da menor representação de indivíduos com educação superior no Nordeste e da maior elitização desse grau de ensino, os graduados do Ceará aparecem com uma renda proporcionalmente mais importante do que dos graduados do Brasil como um todo.

Intensionalmente, não foi levantada a questão do "desvio ocupacional", na maioria das vezes, colocada de maneira equívoca, na medida em que o enunciado da profissão ocupada pode esconder uma infinidade de situações. Qual o significado da discussão, por exemplo, sobre o "desvio ocupacional" de um licenciado em Letras, que trabalha como pequeno proprietário , mas ganha duas ou três vezes mais do que um professor?

Em relação às diferenças situações do egresso no mercado de trabalho, elas são muito mais devidas ao curso freqüentado do que propriamente à universidade que conferiu

o seu diploma. Não foi encontrada qualquer diferença importante, no que se refere a melhores oportunidades de emprego ou salários mais altos, que possa ser atribuída ao fator "universidade". Se as situações mais vantajosas, em termos de mercado de trabalho, aparecem na UFC, isso se deve à oferta mais prestigiada dessa instituição.

Mas além da dimensão "curso", esse diferencial de vantagem aparece claramente associado à origem social do graduado. O ensino superior não iguala oportunidades, na medida em que um mesmo diploma não confere vantagens iguais se a origem social dos seus portadores é diferente.

A par da impossibilidade de se opor os egressos, segundo a universidade, foi encontrada uma segmentação especialmente curiosa, que articula os postos de trabalho do governo federal aos graduados da UFC, os do governo estadual/municipal aos da UECE e os da iniciativa privada aos da UNIFOR.

Essa segmentação, entretanto, não significa propriamente uma oposição. Por trás dela e, antes dela, surge como que uma teia de interligações entra as três universidades. A UFC, universidade de maior prestígio e tradição, não só pela oferta mais "nobre", mas também pelo maior peso das atividades de pesquisa e pós-graduação, não consegue atender à clientela que não pode freqüentar um curso diurno. Para o segmento menos favorecido desses alunos, a opção é UECE, onde a maioria dos cursos é ofertada também no período noturno. Mas há ainda uma clientela que, sem ser desfavorecida economicamente, não pode/quer freqüentar um curso noturno e/ou não consegue passar na UFC. Para esses, existe a UNIFOR, universidade localizada em bairro nobre de Fortaleza e que oferece cursos também prestigiados (administrativas, engenharias, computação), além dos paramédicos, que surgem como uma alternativa para a área nobre de saúde da UFC.

Nesse sistema em que as três universidades se articulam, compondo como que um leque de opções para entender às diferentes condições sociais e acadêmicas dos alunos, o grupo das licenciaturas parece representar, qualquer que seja a instituição considerada, o refúgio onde se abrigam os que não têm qualquer opção.

Esse achado, que confirma tendências já observadas para o Brasil como um todo, traz implicações da maior importância para o futuro da educação brasileira. Definitivamente, não se pode vislumbrar qualquer amanhã melhor para o ensino de 1°e 2° Graus, se os profissionais por ele responsáveis são, circularmente, os (as) mais pobres, os (as) menos preparados (as) e os (as) que ganham menos.

Referências Bibliográficas

Paul, J.J. e Ribeiro Freire, Z.D. Diversidade da oferta e estratégia dos vestibulandos: o caso de Fortaleza. **Educação e Seleção**, *89*, (19), 111-128.

Paul, J.J. e Ribeiro Freire, Z.D. 1990, *As condições de vida e de trabalho dos alunos do ensino superior brasileiro: o caso das universidades de Fortaleza*. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, No prelo.

Abreviaturas e Siglas

Universidades:

UECE: Estadual do Ceará
UFC: Federal do Ceará
UNIFOR: de Fortaleza

1. Grupos de cursos:

ADM: Administrativos
AGR: Agronomia
EBI: Economia Doméstica/biblioteconomia
ENG: Engenharias/Arquitetura
LIC: Licenciaturas
MOV: Medicina/Odontologia/Veterinária
NUS: Nutrição/Serviço Social
PAR: Paramédicos
PSC: Psicologia/Comunicação Social
QEG: Química Industrial/Estatística/Geologia
TPR: Processamento de Dados

2. Níveis de escolaridade

Prim.inc. : incompleto
Prim.com. : completo
Sec.com. : completo
Sup.com. : completo

3. Ocupações

Gde ind : grande industrial/empresário/proprietário/fazendeiro
Méd ind : médio industrial/empresário/proprietário/fazendeiro
Prof lib : profissional liberal, alto funcionário, professor universitário
Méd fun : médio funcionário, professor 2° Grau
Peq pro : pequeno proprietário
Banc : bancário, professor 1° Grau
Oper : operário
Rend : vive de rendas
Prend : prendas domésticas

ANEXOS

Tabela I.1 - Distribuição dos egressos da UFC, segundo sexo, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Feminino	Masculino	N.Pond.
ADM	37,87	62,13	1146
AGR	31,05	68,95	339
EBI	98,27	1,73	185
ENG	22,84	77,16	610
LIC	79,36	20,64	1001
MOV	49,26	50,74	638
PAR	87,29	12,71	308
PSC	70,42	29,58	233
QEG	57,51	42,29	195
TPR	55,87	44,13	117
Média UFC	54,05	45,95	4771

Tabela I.2 - Distribuição dos egressos da UECE, segundo a idade, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Feminino	Masculino	N. Pond.
ADM	35,19	64,81	598
LIC	62,62	37,38	2281
MOV	44,42	55,58	152
NUS	91,84	8,16	410
PAR	97,02	2,98	194
Média UECE	62,48	37,52	3635

Tabela I.3 - Distribuição dos egressos da UNIFOR, segundo a idade, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Feminino	Masculino	N. Pond.
ADM	38,29	61,71	2436
ENG	14,18	85,82	770
LIC	86,51	13,49	351
PAR	82,20	17,80	858
QEG	10,40	89,60	93
Média UNIFOR	45,71	54,29	4509

Tabela II.1 - Distribuição dos egressos da UFC, segundo a idade, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	<30	30-39	>39	N.Pond.
ADM	53,75	33,81	12,44	1158
AGR	38,46	54,13	7,41	339
EBI	52,57	38,44	8,99	185
ENG	62,68	35,96	1,36	610
LIC	42,49	44,61	12,90	1001
MOV	65,11	33,16	1,73	641
PAR	50,24	46,93	2,82	308
PSC	63,16	34,22	2,62	233
QEG	39,42	57,51	3,08	195
TPR	92,29	7,71	0,00	117
Média UFC	53,51	39,07	7,42	4786

Tabela II.2 - Distribuição dos egressos da UECE, segundo a idade, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	<30	30-39	>39	N.Pond.
ADM	42,31	44,77	12,92	598
LIC	37,52	42,91	19,57	2283
MOV	53,09	40,74	6,18	152
NUS	61,03	28,91	10,06	410
PAR	37,09	47,40	15,52	200
Média UECE	41,58	41,80	16,63	3643

Tabela II.3 - Distribuição dos egressos da UNIFOR, segundo a idade, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	<30	30-39	>39	N. Pond.
ADM	36,90	43,37	19,73	2443
ENG	61,84	37,35	0,81	770
LIC	43,07	46,43	10,50	351
PAR	74,21	24,38	1,41	858
QEG	5,04	94,96	0,00	93
Média UNIFOR	48,06	40,04	11,90	4515

Tabela III.1.a - Distribuição dos egressos da UFC, segundo a escolaridade do pai, por grupo (em porcentagem)

Grupo	Prim.inc.	Prim.com.	Sec.com	Sup.com.	N.Pond.
ADM	28,01	31,09	21,70	19,20	1158
AGR	29,02	37,28	11,39	22,30	332
EBI	29,55	24,02	38,68	7,75	181
ENG	13,67	16,30	38,52	31,51	608
LIC	38,77	33,02	17,53	10,68	966
MOV	22,51	19,79	21,79	35,90	641
PAR	28,35	38,83	20,86	11,97	308
PSC	22,24	22,37	31,56	23,83	233
QEG	25,22	38,03	25,37	11,38	195
TPR	17,40	9,68	26,74	46,19	117
Média UFC	27,11	28,06	23,65	21,18	4738

Tabela III.1.b - Distribuição dos egressos da UFC, segundo a escolaridade da mãe, por grupo de Curso(em porcentagem)

Grupo	Prim.inc.	Prim.com.	Sec.com	Sup.com.	N.Pond.
ADM	21,62	29,53	40,45	8,40	1158
AGR	25,24	42,47	24,88	7,41	339
EBI	30,44	40,90	23,57	5,09	181
ENG	14,71	23,35	50,66	11,28	607
LIC	38,08	35,65	22,75	3,52	973
MOV	14,27	21,56	41,52	22,65	641
PAR	24,49	44,11	22,71	8,69	308
PSC	21,85	29,97	32,76	15,41	233
QEG	25,32	37,26	34,34	3,08	195
TPR	5,91	21,68	45,50	26,91	117
Média UFC	23,67	31,37	34,87	10,09	4752

Tabela III.2.a - Distribuição dos egressos da UECE, segundo a escolaridade do pai, por grupo de Curso (em porcentagem)

Grupo	Prim.inc.	Prim.com.	Sec.com.	Sup.com.	N.pond.
ADM	30,51	24,37	28,52	16,60	598
LIC	45,86	30,85	15,89	7,40	2193
MOV	30,09	26,41	25,89	17,61	152
NUS	36,50	25,17	24,67	13,66	407
PAR	38,87	28,99	19,82	12,32	193
Média UECE	41,13	28,81	19,68	10,38	3543

Tabela III.2.b - Distribuição dos egressos da UECE, segundo a escolaridade da mãe, por grupo de Curso (em porcentagem)

Grupo	Prim.inc.	Prim.com.	Sec.com.	Sup.com.	N.pond.
ADM	28,02	27,08	30,11	14,79	598
LIC	44,16	34,79	17,39	3,66	2232
MOV	24,57	28,52	41,79	5,12	152
NUS	25,76	25,57	36,53	12,14	410
PAR	32,01	41,88	23,21	2,90	197
Média UECE	37,87	32,88	23,05	6,50	3588

Tabela III.3.a - Distribuição dos egressos da UNIFOR, segundo a escolaridade da pai, por grupo de Curso (em porcentagem)

Grupo	Prim.inc.	Prim.com.	Sec.com.	Sup.com.	N.pond.
ADM	31,17	25,11	23,87	19,85	2396
ENG	13,99	21,49	15,91	48,61	770
LIC	27,20	35,35	20,05	17,41	341
PAR	20,59	29,35	29,45	20,61	858
QEG	36,44	32,90	19,94	10,72	93
Média UNIFOR	25,97	26,25	23,20	24,58	4458

Tabela III.3.b - Distribuição dos egressos da UNIFOR, segundo a escolaridade da mãe, por grupo de Curso (em porcentagem)

Grupo	Prim.inc.	Prim.com.	Sec.com.	Sup.com.	N.pond.
ADM	21,52	31,94	35,03	11,77	2427
ENG	12,32	26,51	37,79	23,38	770
LIC	17,74	42,87	24,37	15,02	346
PAR	19,48	35,14	36,41	8,98	850
QEG	31,40	33,33	14,26	21,01	93
Média UNIFOR	19,32	32,48	34,51	13,68	4485

Tabela IV.1.a - Distribuição dos egressos da UECE, segundo ocupação do pai, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Gde ind	Med ind	Prof lib	Med fun	Peq pro	N.pond.	Banc	Oper	Rend	Prend	N.Pond
ADM	1,39	14,38	18,70	19,06	18,44	1155	16,02	11,07	0,94	0,00	1155
AGR	2,11	14,95	20,80	28,42	10,19	332	15,10	8,44	0,00	0,00	332
EBI	0,00	6,60	13,77	26,10	21,40	174	14,92	13,65	3,56	0,00	174
ENG	3,83	12,02	28,60	20,61	21,65	601	9,19	4,10	0,00	0,00	601
LIC	0,92	12,72	10,47	24,85	19,68	965	10,90	14,30	5,60	0,55	965
MOV	0,44	12,83	30,85	24,63	17,55	641	13,03	0,67	0,00	0,00	641
PAR	2,59	13,46	11,26	19,14	20,79	308	14,08	10,77	7,91	0,00	308
PSC	3,65	11,03	18,98	18,81	26,45	233	18,51	2,58	0,00	0,00	233
QEG	0,94	20,02	14,94	15,20	31,39	191	11,58	4,98	0,00	0,94	191
TPR	0,00	5,74	36,25	23,74	18,51	117	9,85	3,94	0,00	1,97	117
Média UFC	1,61	13,07	19,70	22,07	19,58	4716	13,26	8,48	2,03	0,20	4716

Tabela IV.1.b - Distribuição dos egressos da UECE, segundo ocupação da mãe, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Gde ind	Med ind	Prof lib	Med fun	Peq pro	N.pond.	Banc	Oper	Rend	Prend	N.Pond
ADM	0,00	0,87	3,62	7,08	2,55	1158	15,24	1,76	1,93	66,96	1158
AGR	2,07	1,71	0,00	10,42	5,96	339	12,78	1,53	0,00	65,53	339
EBI	0,00	0,00	0,00	16,99	4,04	181	5,09	7,47	1,77	64,64	181
ENG	1,07	1,46	7,44	4,90	6,07	608	8,64	1,65	3,13	65,65	608
LIC	0,00	4,68	1,68	7,92	4,02	959	7,55	7,43	0,56	66,17	959
MOV	0,00	2,09	12,54	7,57	9,30	638	6,38	4,66	2,48	54,99	638
PAR	0,00	3,11	1,95	6,45	2,37	308	16,93	5,25	1,33	62,60	308
PSC	0,00	5,02	4,04	8,20	2,71	233	14,64	3,43	4,85	57,11	233
QEG	0,00	7,16	2,13	7,62	7,16	193	3,16	2,33	0,00	70,44	193
TPR	2,14	3,94	8,05	14,22	5,91	117	11,57	0,00	0,00	54,16	117
Média UFC	0,34	2,59	4,48	7,87	4,77	4733	10,57	3,78	1,71	63,88	4733

Tabela IV.2.a - Distribuição dos egressos da UECE, segundo ocupação do pai, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Gde ind	Med ind	Prof lib	Med fun	Peq pro	N.pond.	Banc	Oper	Rend	Prend	N.Pond
ADM	5,40	10,26	15,65	21,77	21,28	598	8,98	12,30	4,36	0,00	598
LICA	2,85	9,32	7,10	18,97	23,54	2185	16,72	18,12	2,79	0,58	2185
MOV	1,62	19,73	22,16	15,14	16,62	148	9,19	13,24	2,30	0,00	148
NUS	0,00	6,59	11,75	21,60	20,94	407	20,30	14,23	4,60	0,00	407
PAR	3,30	15,27	9,56	12,31	22,17	200	17,12	18,22	2,05	0,00	200
Média UECE	2,93	9,94	9,85	19,21	22,49	3538	15,53	16,49	3,20	0,36	3538

Tabela IV.2.b - Distribuição dos egressos da UECE, segundo ocupação da mãe, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Gde ind	Med ind	Prof lib	Med fun	Peq pro	N.pond.	Banc	Oper	Rend	Prend	N.Pond
ADM	3,73	2,26	6,27	7,31	2,07	598	8,41	12,55	1,52	55,88	598
LICA	0,00	1,46	1,75	5,04	2,89	2245	8,84	11,06	1,82	67,14	2245
MOV	0,00	1,62	5,27	12,03	0,00	148	18,78	10,27	0,00	52,03	148
NUS	0,00	1,64	0,00	4,20	2,49	410	16,87	2,05	0,73	72,01	410
PAR	3,30	1,55	0,00	4,85	1,65	200	8,91	11,56	2,10	66,07	200
Média UECE	0,80	1,62	2,35	5,60	2,52	3600	10,09	10,28	1,59	65,14	3600

Tabela IV.3.a - Distribuição dos egressos da UECE, segundo ocupação do pai, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Gde ind	Med ind	Prof lib	Med fun	Peq pro	N.pond.	Banc	Oper	Rend	Prend	N.Pond
ADM	3,50	17,59	18,66	16,95	17,50	2385	9,29	11,79	3,70	1,00	2385
LICA	5,74	12,91	32,00	13,95	16,84	770	12,18	5,30	1,08	0,00	770
MOV	3,04	24,65	14,23	14,14	27,54	336	14,83	1,58	0,00	0,00	336
NUS	0,63	21,47	27,21	19,21	14,33	808	11,53	4,58	1,04	0,00	808
PAR	0,00	44,91	15,86	29,05	10,18	93	0,00	0,00	0,00	0,00	93
Média UECE	3,26	18,60	22,17	16,88	17,42	4392	10,44	8,30	2,39	0,54	4392

Tabela IV.3.b - Distribuição dos egressos da UECE, segundo ocupação da mãe, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Gde ind	Med ind	Prof lib	Med fun	Peq pro	N.pond.	Banc	Oper	Rend	Prend	N.Pond
ADM	0,86	3,08	1,10	13,72	1,13	2427	12,94	2,22	1,24	63,70	2427
ENG	2,78	0,38	4,71	19,27	0,52	770	6,57	0,88	2,35	62,53	770
LIC	0,00	9,26	10,14	16,01	1,70	341	15,33	3,40	0,00	44,15	341
PAR	0,00	6,83	6,04	14,54	3,98	847	11,60	0,92	0,24	55,85	847
QEC	0,00	5,36	10,72	10,40	0,00	93	19,40	5,14	0,00	48,98	93
Média UECE	0,94	3,84	3,54	14,94	1,59	4478	11,91	1,89	1,12	60,22	4478

Tabela V - Distribuição dos egressos, segundo a realização de outros estudos, por Universidade e grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	UFC	UECE	UNIFOR
ADM	24,08	34,8	27,7
AGR	25,5	-	-
EBI	35,9	-	-
ENG	32,5	-	18,5
LIC	41,0	52,2	39,1
MOV	47,8	39,0	-
PAR	44,8	82,4	34,5
PSC	35,5	-	-
QEG	31,6	-	23,9
TPR	55,4	-	-
NUS	-	51,1	-
Média	35,6	50,3	28,2

Tabela VI - Distribuição dos egressos, segundo o número de cursos concluídos, por Universidade e grupo de curso (em porcentagem)

	UFC			UECE			UNIFOR		
Grupo	**Um**	**Dois**	**Três**	**Um**	**Dois**	**Três**	**Um**	**Dois**	**Três**
ADM	84,0	15,7	0,3	76,8	19,4	3,8	79,0	19,8	1,2
AGR	92,3	6,1	1,6	-	-	-	-	-	-
EBI	79,9	17,7	2,4	-	-	-	-	-	-
ENG	76,9	21,4	1,7	-	-	-	90,0	10,0	0,0
LIC	84,1	13,3	2,6	72,8	28,3	8,9	80,2	13,0	6,8
MOV	62,3	32,1	5,6	67,4	27,3	5,3	-	-	-
PAR	62,4	28,2	9,4	22,0	46,2	31,8	80,1	16,6	3,3
PSC	81,6	15,4	3,0	-	-	-	-	-	-
QEG	82,8	13,0	4,2	-	-	-	91,9	8,1	0,0
TPR	57,8	40,3	1,9	-	-	-	-	-	-
NUS	-	-	-	75,0	21,6	3,4	-	-	-
Média	78,5	18,8	2,7	64,4	27,1	8,5	81,4	16,8	1,8

Tabela VII.1 - Distribuição dos egressos da UFC, segundo nível do outro curso concluído, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Total
ADM	39,1	53,1	7,8	0,0	100,0
AGR	0,0	66,4	33,6	0,0	100,0
EBI	91,2	8,8	0,0	0,0	100,0
ENG	45,7	42,4	11,9	0,0	100,0
LIC	57,2	27,8	15,0	0,0	100,0
MOV	12,9	81,7	5,4	0,0	100,0
PAR	9,9	85,4	4,7	0,0	100,0
PSC	91,4	8,6	0,0	0,0	100,0
QEG	39,9	44,2	15,9	0,0	100,0
TPR	0,0	94,7	5,3	0,0	100,0
Média	34,7	56,7	8,6	0,0	100,0

Tabela VII.2 - Distribuição dos egressos da UECE, segundo nível do outro curso concluído, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Total
ADM	76,8	23,2	0,0	0,0	100,0
LIC	77,8	22,2	0,0	0,0	100,0
MOV	26,4	68,8	4,8	0,0	100,0
NUS	76,8	4,9	11,3	7,0	100,0
PAR	43,3	56,7	0,0	0,0	100,0
Média	72,1	26,0	1,3	0,6	100,0

Tabela VII.3 - Distribuição dos egressos da UNIFOR, segundo nível do outro curso concluído, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Total
ADM	75,3	24,7	0,0	0,0	100,0
ENG	18,2	73,5	8,3	0,0	100,0
LIC	24,9	75,1	0,0	0,0	100,0
PAR	5,8	94,2	0,0	0,0	100,0
QEG	0,0	100,0	0,0	0,0	100,0
Média	52,8	46,4	0,8	0,0	100,0

Tabela VIII.1 - Distribuição dos egressos da UFC, segundo nível do outro curso concluído, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Total
ADM	40,5	34,3	22,6	2,6	100,0
AGR	20,0	0,0	80,0	0,0	100,0
EBI	71,2	28,8	0,0	0,0	100,0
ENG	50,9	19,3	20,2	9,6	100,0
LIC	36,5	32,5	28,4	2,6	100,0
MOV	14,7	70,3	15,1	0,0	100,0
PAR	6,4	74,9	18,7	0,0	100,0
PSC	39,3	40,7	20,0	0,0	100,0
QEG	42,7	15,3	42,0	0,0	100,0
TPR	68,7	7,8	23,6	0,0	100,0
Média	35,3	36,5	26,0	2,2	100,0

Tabela VIII.2 - Distribuição dos egressos da UECE, segundo nível do curso em andamento, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Total
ADM	72,8	27,2	0,0	0,0	100,0
LIC	76,8	20,7	2,5	0,0	100,0
MOV	20,6	19,6	59,8	0,0	100,0
NUS	76,4	23,6	0,0	0,0	100,0
PAR	41,2	58,8	0,0	0,0	100,0
Média	72,8	23,9	3,3	0,0	100,0

Tabela VIII.3 - Distribuição dos egressos da UFC, segundo nível do curso em andamento, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Total
ADM	62,2	22,6	15,2	0,0	100,0
ENG	34,5	45,1	15,5	4,9	100,0
LIC	67,1	18,1	14,8	0,0	100,0
PAR	78,6	21,5	0,0	0,0	100,0
QEG	68,0	32,0	0,0	0,0	100,0
Média	64,5	24,7	10,2	0,6	100,0

Tabela IX - Distribuição dos egressos da UFC, segundo a instituição do outro curso

realizado, por Instituição de origem (em porcentagem)

Instituição de origem	UFC	UECE	UNIFOR	Outra	Total
UFC	51,7	14,7	7,9	25,7	100,0
UECE	19,8	58,9	9,4	11,9	100,0
UNIFOR	19,7	17,0	47,7	15,7	100,0

Tabela X.1 - Distribuição dos egressos da UFC, segundo a situação profissional no momento da pesquisa, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Trabalha	Não trabalha/Não procura	Desempregad o/procura	Desempregado/c/ promessa	Total
ADM	97,7	1,1	1,2	0,0	100,0
AGR	79,1	6,3	14,6	0,0	100,0
EBI	77,2	7,0	12,3	3,5	100,0
ENG	92,9	5,4	1,3	0,4	100,0
LIC	82,2	7,5	7,2	3,2	100,0
MOV	95,1	0,0	0,0	4,9	100,0
PAR	89,4	5,1	5,5	0,0	100,0
PSC	95,3	4,7	0,0	0,0	100,0
QEG	89,4	2,1	4,8	3,7	100,0
TPR	94,3	5,7	0,0	0,0	100,0
Média	90,4	4,0	3,9	1,7	100,0

Tabela X.2 - Distribuição dos egressos da UECE, segundo a situação profissional no momento da pesquisa, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Trabalha	Não trabalha/Não procura	Desempregado/ procura	Desempregado/ c/ promessa	Total
ADM	94,0	4,2	1,8	0,0	100,0
LIC	90,8	3,2	4,8	1,2	100,0
MOV	77,4	9,0	10,9	2,6	100,0
NUS	95,8	1,2	2,3	0,7	100,0
PAR	97,8	1,0	1,2	0,0	100,0
Média	91,7	3,3	4,1	0,9	100,0

Tabela X.3 - Distribuição dos egressos da UNIFOR, segundo a situação profissional no

momento da pesquisa, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Trabalha	Não trabalha/ Não procura	Desempregado/ procura	Desempregado c/ promessa	Total
ADM	92,9	1,6	4,7	0,8	100,0
ENG	94,9	0,4	4,7	0,0	100,0
LIC	95,4	3,2	1,4	0,0	100,0
PAR	87,1	2,6	9,3	1,0	100,0
QEG	90,9	5,0	4,1	0,0	100,0
Média	92,3	1,8	5,3	0,6	100,0

Tabela XI.1 Distribuição dos egressos da UFC, segundo o número de empregos, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	1° emprego	2° emprego	3° emprego	Total
ADM	82,7	14,8	2,5	100,0
AGR	88,7	11,3	0,0	100,0
EBI	88,4	11,6	0,0	100,0
ENG	78,0	20,3	1,7	100,0
LIC	79,9	18,4	1,7	100,0
MOV	42,8	38,1	19,1	100,0
PAR	72,2	20,1	7,7	100,0
PSC	57,9	34,8	7,3	100,0
QEG	81,8	18,2	0,0	100,0
TPR	80,3	17,8	1,9	100,0
Média	74,8	20,5	4,7	100,0

Tabela XI.2 - Distribuição dos egressos da UECE, segundo o número de empregos, por grupo curso (em porcentagem)

Grupo	1 emprego	2 empregos	3 empregos	Total
ADM	89,6	8,4	2,0	100,0
LIC	77,6	21,3	1,1	100,0
MOV	82,3	16,2	1,5	100,0
NUS	89,2	9,3	1,5	100,0
PAR	61,5	38,5	0,0	100,0
Média	80,2	18,6	1,2	100,0

Tabela XI.3- Distribuição da UECE, segundo o número de empregos, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	1 emprego	2 empregos	3 empregos	Total
ADM	73,0	21,0	6,0	100,0
LIC	67,5	30,8	1,7	100,0
MOV	76,6	21,0	2,4	100,0
NUS	61,1	26,6	12,3	100,0
PAR	92,0	8,0	0,0	100,0
Média	70,5	23,5	6,0	100,0

Tabela XII.1 - Distribuição da UFC, segundo situação profissional no momento da graduação, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	1° emprego	2° emprego	Total
ADM	86,3	13,7	100,0
AGR	55,3	44,7	100,0
EBI	52,2	47,8	100,0
ENG	74,8	25,2	100,0
LIC	71,4	28,6	100,0
MOV	44,7	55,3	100,0
PAR	44,6	55,4	100,0
PSC	75,2	24,8	100,0
QEG	63,8	36,2	100,0
TPR	90,5	9,5	100,0
Média	68,8	31,2	100,0

Tabela XII.2 - Distribuição dos egressos da UECE, segundo situação profissional no momento da graduação, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Trabalha	Não trabalha	Total
ADM	79,9	20,1	100,0
LIC	83,1	16,9	100,0
MOV	36,1	63,9	100,0
NUS	55,0	45,0	100,0
PAR	65,3	34,7	100,0
Total	76,5	23,5	100,0

XII.3 - Distribuição dos egressos da UNIFOR, segundo situação profissional no momento

da graduação, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Trabalha	Não trabalha	Total
ADM	8,1	18,9	100,0
ENG	78,3	21,7	100,0
LIC	90,4	9,6	100,0
PAR	54,6	45,4	100,0
QEG	26,2	73,8	100,0
Total	75,1	24,9	100,0

Tabela XIII.1 - Distribuição dos egressos da UFC, segundo ocupação no momento da graduação, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Mesma ocupação	Ocupação rel	Ocupação dif	Não trabalha/ procura	Não trabalha/ não procura	Total
ADM	41,3	23,2	21,9	9,4	4,2	100,0
AGR	36,5	2,3	16,5	37,6	7,1	100,0
EBI	26,8	16,5	9,0	39,4	8,3	100,0
ENG	30,9	22,0	21,9	18,5	6,7	100,0
LIC	48,5	7,7	15,2	21,7	6,9	100,0
MOV	29,1	13,2	2,4	25,2	30,1	100,0
PAR	23,1	11,5	9,9	39,5	16,0	100,0
PSC	29,7	25,2	20,3	12,8	12,0	100,0
QEG	42,5	8,4	12,9	28,7	7,5	100,0
TPR	33,0	53,1	4,5	2,2	7,2	100,0
Média	37,1	16,3	15,4	20,9	10,3	100,0

Tabela XIII.2 - Distribuição dos egressos da UECE, segundo ocupação no momento da graduação, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Mesma ocupação	Ocupação rel	Ocupação dif	Não trabalha/ procura	Não trabalha/ não procura	Total
ADM	36,3	21,0	22,6	11,4	8,7	100,0
LIC	58,1	10,0	15,0	10,8	6,1	100,0
MOV	10,9	3,1	22,2	43,6	20,2	100,0
NUS	31,9	3,2	19,8	33,4	11,6	100,0
PAR	32,6	13,1	19,7	24,4	10,3	100,0
Total	48,2	11,0	17,4	15,5	8,0	100,0

Tabela XIII.3 - Distribuição dos egressos da UNIFOR, segundo ocupação no momento da

graduação, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Mesma ocupação	Ocupação rel	Ocupação dif	Não trabalha/ procura	Não trabalha/ não procura	Total
ADM	43,5	11,4	26,2	11,9	7,0	100,0
ENG	39,9	15,8	22,6	18,2	3,5	100,0
LIC	45,4	33,2	11,8	4,7	4,9	100,0
PAR	21,3	22,7	10,6	26,4	19,0	100,0
QEG	5,7	0,0	20,5	44,9	28,9	100,0
Total	37,9	15,8	21,4	15,9	9,0	100,0

Tabela XIV - Distribuição dos egressos, segundo tempo médio acesso 1 °emprego, por grupo de curso e instituição (em meses)

Grupo	UFC	UECE	UNIFOR
ADM	12,1	4,4	5,6
AGR	8,5	-	-
EBI	4,9	-	-
ENG	7,7	-	4,1
LIC	10,0	7,0	*
MOV	3,4	7,9	-
PAR	4,7	9,2	8,9
PSC	6,0	-	-
QEG	6,5	-	12,9
TPR	*	-	-
NUS	-	10,8	-

(*) Número de observações inferior a 5.

Tabela XV - Distribuição dos egressos, segundo existência de influência no acesso ao emprego, por origem social

Origem social	Com influência	Sem influência
Alta	47,2	52,8
Média	37,5	62,5
Baixa	34,6	65,4
Total	39,4	60,6

Tabela XVI.1.a - Distribuição dos egressos da UFC, segundo estatuto do 1°emprego, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Assalariado	Autônomo	Total
ADM	74,4	25,6	100,0
AGR	86,8	13,2	100,0
EBI	89,5	10,5	100,0
ENG	75,0	25,0	100,0
LIC	91,9	8,1	100,0
MOV	63,4	36,6	100,0
PAR	91,9	8,1	100,0
PSC	75,0	25,0	100,0
QEG	87,9	12,1	100,0
TPR	93,9	6,1	100,0
Média	79,6	20,4	100,0

Tabela XVI.1.b - Distribuição dos egressos da UFC, segundo estatuto do 2°emprego, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Assalariado	Autônomo	Total
ADM	36,8	63,2	100,0
AGR	65,2	34,8	100,0
EBI	34,0	66,0	100,0
ENG	30,6	69,4	100,0
LIC	59,4	40,6	100,0
MOV	71,4	28,6	100,0
PAR	76,2	23,8	100,0
PSC	85,9	14,1	100,0
QEG	40,0	60,0	100,0
TPR	65,0	35,0	100,0
Média	58,7	41,3	100,0

Tabela XVI.2.a - Distribuição dos egressos da UECE, segundo estatuto do 1°emprego, por grupo de Curso (em porcentagem)

Grupo	Assalariado	Autônomo	Total
ADM	87,9	12,1	100,0
LIC	87,3	12,7	100,0
MOV	65,1	34,9	100,0
NUS	91,2	8,8	100,0
PAR	93,9	6,1	100,0
Média	87,5	12,5	100,0

Tabela XVI.2.b - Distribuição dos egressos da UECE, segundo estatuto do 2°emprego, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Assalariado	Autônomo	Total
ADM	47,3	52,7	100,0
LIC	72,8	27,2	100,0
MOV	20,8	79,2	100,0
NUS	60,4	39,6	100,0
PAR	86,4	13,6	100,0
Média	69,5	30,5	100,0

Tabela XVI.3.a - Distribuição dos egressos da UNIFOR, segundo estatuto do 1° emprego, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Assalariado	Autônomo	Total
ADM	78,6	21,4	100,0
ENG	71,6	28,4	100,0
LIC	94,5	5,5	100,0
PAR	82,6	17,4	100,0
QEG	59,6	40,5	100,0
Média	79,0	21,0	100,0

Tabela XVI.3.b - Distribuição dos egressos da UNIFOR, segundo estatuto do 2 °emprego, por grupo de curso (em porcentagem)

Grupo	Assalariado	Autônomo	Total
ADM	29,7	70,3	100,0
ENG	17,6	82,4	100,0
LIC	87,7	12,3	100,0
PAR	76,1	23,9	100,0
QEG	0,0	100,0	100,0
Média	42,7	57,3	100,0

Tabela VXII - Distribuição dos egressos, segundo setor de atividade, por Instituição (em

porcentagem)

Setor	UFC	UECE	UNIFOR
Agricultura	2,2	3,2	2,1
Indústria	6,3	5,2	8,3
Construção Civil	2,1	0,4	8,9
Serviço de Utilidade Pública	4,1	6,2	7,7
Comércio	5,4	5,8	7,3
Instituto de Crédito/Seguro	10,0	7,0	7,9
Serviço de Alojamento/Alimentação/Diversão	1,0	1,8	2,6
Serviço Técnico-Profissionais	10,2	3,7	13,0
Serviço Médico/Odonto/Veterinários	19,0	8,1	8,3
Serviço Comunitários/Sociais	1,7	6,7	1,8
Administração Pública/Defesa e Segurança.	10,8	10,4	9,0
Ensino 1° e 2° Graus	15,2	28,2	7,6
Ensino Superior	4,7	2,2	3,1
Autônomo	1,6	0,9	1,0
Outros	5,6	10,1	10,5